INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - CAMPUS OURO PRETO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Lucas Henrique Lacerda

A RUA SAPUCAÍ COMO VITRINE DE UMA NOVA EXPRESSÃO DE CENTRALIDADE NOTURNA BELOHORIZONTINA

Ouro Preto
2026
Lucas Henrique Lacerda

A RUA SAPUCAÍ COMO VITRINE DE UMA NOVA EXPRESSÃO DE CENTRALIDADE NOTURNA BELOHORIZONTINA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como parte das exigências do Curso de Licenciatura em Geografia, para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.
Orientador(a): Ramon Coelho Duarte

Ouro Preto

2026

L131r Lacerda, Lucas Henrique.
A Rua Sapucaí como vitrine de uma nova expressão de centralidade noturna Belohorizontina [manuscrito] / Lucas Henrique Lacerda. – 2026.
73 f. : il.

Orientador: Ramon Coelho Duarte.
Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura) - Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2026.

1. Centralidade urbana. 2. Requalificação urbana. 3. Rua Sapucaí. I. Duarte, Ramon Coelho. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 911.3

Catalogação: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto
Diretoria de Ensino
Docência de Área de Geografia
Rua Pandiá Calogeras, 898 - Bairro Bauxita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS HENRIQUE LACERDA

A RUA SAPUCAÍ COMO VITRINE DE UMA NOVA EXPRESSÃO DE CENTRALIDADE NOTURNA BELORIZONTINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como parte das exigências do curso de Licenciatura em Geografia, para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em 28 de agosto de 2026, pela Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ramon Coelho Duarte - IFMG *Campus* Santa Luzia - Orientador
Prof. Dr. Alex de Carvalho - IFMG *Campus* Ouro Preto
Prof. Dr. Igor Rafael Torres Santos - IFMG *Campus* Ouro Preto

Ouro Preto, 28 de agosto de 2026.

Documento assinado eletronicamente por **Ramon Coelho Duarte**, **Professor**, em 01/09/2026, às 18:53, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Alex de Carvalho**, **Professor**, em 01/10/2026, às 11:52, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Igor Rafael Torres Santos**, **Professor**, em 01/10/2026, às 13:29, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade do documento pode ser conferida no site https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs informando o código verificador **2866630** e o código CRC **9E0D3DC3**.

23213.002528/2026-61	2866630v1

RESUMO

O presente trabalho investigou a Rua Sapucaí, no Bairro Floresta, em Belo Horizonte, vista como uma centralidade urbana noturna emergente, verificando de qual maneira a requalificação promovida pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) colaborou para a consolidação desse papel. Parte-se da ideia teórica de que a centralidade urbana resulta pela concentração de fixos e fluxos, além de processos de apropriação social e de uma construção simbólica do espaço e dialoga com autores como Lefebvre, Corrêa, Milton Santos, Harvey, Zukin e Smith. As etapas metodológicas consistiram em levantamento bibliográfico e documental, observação sistemática em campo, possibilitando analisar o perfil do público, as formas de uso do espaço público e a variação do fluxo de pessoas por dia e turno e uma análise digital de dados, coletados via Google Mapas e Instagram, o que permitiu classificar os estabelecimentos da via. Os resultados indicam que a Rua Sapucaí, como centralidade, não foi criada pela requalificação municipal, mas potencializada e formalizada por ela, além de ter sido submetida a processos de transformação espacial. A pesquisa mostra que a rua se consolidou como um espaço de lazer, sociabilidade e consumo noturno ao longo da última década a partir do uso cotidiano dos seus frequentadores, ao mesmo tempo que relata sinais graduais de seletividade socioespacial, processos já vistos antes na centralidade da Savassi. Conclui-se, então, que a observação empírica, juntamente as análises digitais, configura-se como uma chave metodológica para a compreensão para os estudos das centralidades noturnas, tema este, ainda pouco discutido pela geografia urbana brasileira. A Rua Sapucaí se configura hoje como um campo de disputa entre o valor de uso e valor de troca no espaço urbano.

Palavras-chave: Centralidade urbana. Requalificação urbana. Rua Sapucaí. Belo Horizonte. Economia noturna.

ABSTRACT

The present study investigated Sapucaí Street, in the Floresta neighborhood of Belo Horizonte, viewed as an emerging nocturnal urban centrality, examining how the requalification promoted by the Belo Horizonte City Hall (PBH) contributed to the consolidation of this role. The study is grounded in the theoretical premise that urban centrality results from the concentration of fixed elements and flows, as well as from processes of social appropriation and symbolic construction of space, drawing on authors such as Lefebvre, Corrêa, Milton Santos, Harvey, Zukin, and Smith. The methodological steps consisted of bibliographic and documentary research and systematic field observation, which made it possible to analyze the public's profile, the forms of public space use, and the variation of pedestrian flow by day and shift, as well as a digital data analysis, collected via Google Maps and Instagram, which allowed the classification of the establishments along the street. The results indicate that Sapucaí Street's centrality was not created by the municipal requalification, but rather intensified and formalized by it, in addition to having been subjected to processes of spatial transformation. The research shows that the street consolidated itself as a space of leisure, sociability, and nocturnal consumption over the last decade through the everyday use of its patrons, while also revealing gradual signs of socio-spatial selectivity, processes already observed previously in the Savassi centrality. It is concluded, therefore, that empirical observation, together with digital analysis, constitutes a methodological key to understanding the study of nocturnal centralities, a topic still little discussed in Brazilian urban geography. Sapucaí Street currently stands as a field of dispute between use value and exchange value in urban space.

Keywords: Urban centrality. Urban requalification. Sapucaí Street. Belo Horizonte. Night-time economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Urbanização e implosão/explosão 19
Figura 2 - Conexões entre as abordagens de Revitalização Urbana 24
Figura 3 - Viaduto Santa Tereza 38
Figura 4 - Mapa de localização da Rua Sapucaí 39
Figura 5 - Mirante Urbano 40
Figura 6 - Bancos-jardineira 43
Figura 7 - Bancos de concreto 43
Figura 8 - Captura de tela (batalha de rima) 60
Figura 9 - Captura de tela (divulgação) 60
Figura 10 - Captura de tela (avaliação Sapucaí 499) 60
Figura 11 - Captura de tela (avaliação Circuito Sapucaí) 60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Comparação entre centralidades belorizontinas 48
Quadro 2 - Formas de uso do espaço por dia e turno 54
Quadro 3 - Perfil do público por dia e turno 55
Quadro 4 - Interações sociais por turnos 56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

1.1 Metodologia 12

1.1.1 O trabalho de campo e método de observação 13

1.1.2 Limitações e procedimento de estimativa de tempo de permanência 14

1.1.3 Procedimentos 14

1.1.4 Análise digital: avaliação no Google Mapas e no Instagram 15

2. BELO HORIZONTE: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO 16

2.1 Gentrificação 20

2.2 Definições usuais de reformas urbanas 20

2.2.1 Requalificação urbana 21

2.2.2 Reabilitação urbana 22

2.2.3 Revitalização urbana 23

2.3 A centralidade 25

2.4 Centralidade: forma variável da manifestação dos fluxos hegemônicos que configuram a vida urbana e a valorização e contradição 27

2.5 A Economia Noturna como Expressão de Centralidade 29

2.6 Simbolismo e Representação: O Espaço Urbano como Vitrine 30

2.7As centralidades urbanas belorizontinas já consolidadas 31

2.7.1 Praça Sete e o centro tradicional 31

2.7.2 Savassi: consumo e sociabilidade 32

2.7.3 Pampulha: centralidade simbólica e a lógica metropolitana: periferias e fragmentação. 33

3 O BAIRRO FLORESTA E A RUA SAPUCAÍ: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E CENTRALIDADE EMERGENTE 35

3.1 Vida Urbana, Sociabilidade e Patrimônio 36

3.2 Transformações Urbanas: de um bairro operário ao centro comercial 37

3.2.1 Localização e morfologia 38

3.2.2 A trajetória espontânea: 2010-2024 41
3.2.3 Da situação pré-requalificação ao projeto da PBH 41
3.2.4 O Projeto de Requalificação da PBH e a consolidação da Centralidade 42
3.3 A Sapucaí como Lugar: Centralidade, Sociabilidade e Contradição 44
3.4 A Rua Sapucaí no contexto das novas centralidades 45
3.5 Quadro comparativo das centralidades belorizontinas 46
4. RUA SAPUCAÍ: UMA NOVA EXPRESSÃO DE CENTRALIDADE NOTURNA EM BELO HORIZONTE ATUALMENTE 49
4.1 Caracterização dos estabelecimentos da Rua Sapucaí 49
4.2 Variação do fluxo de pessoas 52
4.3 As formas de uso do espaço público 53
4.4 Perfil, interações e tempo de permanência do público observado 54
4.5 Leitura interpretativa dos dados: centralidade e seletividade socioespacial 58
4.6 Leitura através da dimensão digital: recurso analítico e a transformação 59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 61
REFERÊNCIAS 65
APÊNDICE 71

1 INTRODUÇÃO

As cidades contemporâneas são marcadas por constantes transformações dos seus espaços urbanos, em um processo que envolve tanto dinâmicas socioeconômicas quanto intervenções do poder público. Nesse contexto, o conceito de centralidade assume papel fundamental para compreender como determinados locais se destacam na malha urbana, atraindo fluxos de pessoas, atividades econômicas e culturais. De acordo com Corrêa (1995), a centralidade é definida pela capacidade de concentração de funções urbanas, configurando-se como um dos elementos estruturadores do espaço da cidade.

Em Belo Horizonte, Minas Gerais, observa-se um movimento recente de valorização de áreas que, embora não fossem tradicionalmente reconhecidas como polos centrais, passam a adquirir esse papel a partir de processos de requalificação urbana e de apropriação social. A Rua Sapucaí, localizada na região leste da cidade, exemplifica esse fenômeno, destacando-se pela presença de bares, restaurantes e eventos culturais que transformaram seu perfil e ampliaram sua atratividade. Como lembra Lefebvre (1968), o espaço urbano é resultado da produção social, sendo constantemente ressignificado a partir das práticas cotidianas e das estratégias de planejamento.

A Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) com suas ações, desempenha papel relevante nesse processo, ao representar o próprio Estado que investe em obras de requalificação e promove eventos culturais que fortalecem determinadas áreas e/ou centralidades da cidade, em especial aqui, a visibilidade da Rua Sapucaí. As ações tomadas atualmente pela PBH na requalificação da Rua Sapucaí, por exemplo, relacionam diretamente com a criação de uma nova territorialidade, vinculada tanto ao setor terciário quanto à imagem simbólica da capital mineira. Para Santos (1993), a centralidade não se restringe apenas à concentração de atividades, mas envolve também fluxos de informação, circulação e representações, tornando-se uma dimensão essencial para entender a vida urbana.

Diante desse cenário, tornou-se pertinente investigar como a Rua Sapucaí se configura como uma possível nova centralidade em Belo Horizonte, principalmente no período noturno - em que vem se consagrando como uma das opções mais emblemáticas da noite belorizontina - considerando a valorização espacial e a construção de sua imagem urbana. A carência de estudos acadêmicos que tratam especificamente dessa temática reforça a importância deste trabalho, que busca compreender os objetivos da Prefeitura, os efeitos da requalificação e a forma como a Sapucaí contribui para redesenhar a dinâmica urbana da cidade. Além disso, de que forma as intervenções realizadas pela Prefeitura de Belo Horizonte

impulsionam o processo de enobrecimento do espaço urbano ao mesmo tempo que reconfigura o significado de lazer urbano noturno?

Assim, este estudo se propôs a analisar a Rua Sapucaí enquanto espaço de centralidade emergente em Belo Horizonte, observando tanto os processos de intervenção urbana quanto a apropriação social do local. Ao fazê-lo, pretende-se contribuir para o debate sobre as transformações do espaço urbano, oferecendo subsídios para compreender como novas centralidades se constituem e se consolidam nas cidades brasileiras contemporâneas.

A pesquisa buscou como objetivo no primeiro momento analisar de que maneira a requalificação promovida pela Prefeitura de Belo Horizonte contribuiu ou não para intensificar e consolidar o papel da Rua Sapucaí como centralidade urbana, principalmente no período noturno, com ênfase no setor terciário e nas estratégias adotadas para a valorização do espaço. Além disso, outros objetivos presentes na pesquisa se fizeram pela investigação em como a rua Sapucaí funcionava anteriormente à requalificação, com base em seus usos e tipos de comércio (história do bairro floresta), análise do movimento da rua nos dias de semana e principalmente o seu uso a partir de grupos sociais para compreender a dinâmica de atrair fixos e fluxo e por fim, comparando a formação da Rua Sapucaí com outras centralidades de Belo Horizonte, destacando suas especificidades e diferenciações com outros locais, como por exemplo: Pampulha, Savassi e hipercentro.

1.1 Metodologia

Em primeiro momento foi realizado o levantamento bibliográfico e documental acerca do processo histórico de Belo Horizonte e do bairro Floresta, onde se encontra a rua Sapucaí. Este levantamento foi realizado com o objetivo de situar o objeto de estudo no contexto histórico-espacial, sendo possível interpretar sua origem e suas transformações até sua consolidação como possível centralidade noturna emergente.

De forma simultânea, foi realizado um mapeamento digital dos estabelecimentos localizados na Rua Sapucaí, para isso foi utilizado como fonte de dados a plataforma Google Mapas. O mapeamento possibilitou identificar as categorias funcionais desses estabelecimentos (bares, restaurantes, casas noturnas e etc.) além da quantidade e do horário de funcionamento. Posteriormente, foi realizado um trabalho de campo com o intuito de validar as informações acerca do mapeamento digital para uma observação crítica e sistemática, além disso, uma ficha de observação foi elaborada e preenchida para coletar os dados em campo. O cruzamento dos

dados permitiu uma leitura mais dinâmica da rua, enfatizando a presença de estabelecimentos voltados à economia noturna e ao *happy hour*.

O presente trabalho contou com auxílio da ferramenta de IA da Claude, desenvolvida pela *Anthropic* para as seguintes finalidades: estruturação e hierarquização das ideias, revisão gramatical e ortográfica sem alteração dos textos feitos pelo autor e organização dos dados apresentados nos quadros ao longo do trabalho.

1.1.1 O trabalho de campo e método de observação

Apesar dos dados coletados nos arquivos históricos e do mapeamento digital apresentarem um panorama estrutural da rua, evidenciando o que existe e quando funciona, ainda há uma lacuna sobre as experiências vividas no lócus. Como as pessoas ocupam esse espaço? Por quanto tempo elas permanecem neste espaço? Qual o perfil dos frequentadores? Em quais momentos se observa o maior pico de público? Por essas e outras questões que o trabalho de campo se fez fundamental nesta pesquisa. O trabalho de campo possibilitou verificar de modo empírico se a possível centralidade noturna, observada anteriormente através dos dados digitais, corresponde a uma centralidade vivida.

Para esta pesquisa foi adotado o método de observação direta estruturada, baseado nas etapas propostas por Whyte (1980) e sistematizadas por Gehl (2013). As observações em campo ocorreram nos três turnos (manhã, tarde e noite) durante seis dias da semana (terça a domingo). Desse modo, a observação de campo possibilitou captar as dinâmicas diurnas e noturnas da rua. Cabe ressaltar que devido às dificuldades de logística, não foi possível coletar os dados da segunda-feira e no turno diurno da quinta-feira devido à chuva.

Durante o campo, foi preenchida uma ficha de observação estruturada denominada: Ficha de observação sistemática do uso do espaço (em anexo), que continha os seguintes campos de registro: a) fluxo de pessoas, classificados em uma escala de muito baixo a muito alto; b) forma de uso do espaço, que compreende a circulação, permanência, lazer, consumo em bares e outros usos; c) tempo médio de permanência observado, registrado em: menos de 10 minutos, de 10 a 30 minutos, de 30 a 60 minutos, ou mais de uma hora; d) perfil visível do público, sendo esses: grupos de amigos, casais, pessoas sozinhas, diversidade etária e racial visível, sempre em caráter não identificável; e) interações sociais observadas, incluindo conversas, música, dança, consumo coletivo e uso do espaço público como local de encontro; f) campo para observação, destinado a registros qualitativos. A cada turno uma nova ficha era

preenchida, desse modo, ao final do campo foram preenchidas 17 fichas, totalizando todos os três turnos de todos os seis dias.

1.1.2 Limitações e procedimento de estimativa de tempo de permanência

É válido destacar que todo método de observação direta possui limitações inerentes à sua própria natureza técnica, que dependem unicamente do olhar do observador em campo. Nesta pesquisa, alguns fatores de imprecisão foram identificados e serão descritos. Uma dupla contagem de indivíduos pode ter ocorrido, dada a possibilidade de um indivíduo ter circulado repetidamente pelo trecho observado, como por exemplo, ao sair de um bar e algum tempo depois voltar ou ir de um extremo a outro da rua. A estimativa de diversidade etária e racial visível se deu por classificações aproximadas, por se tratar de uma observação não identificável, realizada a distância e sem abordagem direta aos indivíduos, estando, portanto, sujeitas à percepção do observador.

Essas limitações não invalidam o método adotado, pois são inerentes a qualquer observação direta realizada em campo e são amplamente discutidas na literatura utilizada como base metodológica desta pesquisa (WHYTE, 1980; GEHL, 2013). No entanto, essas limitações devem ser explicitadas de modo a garantir o rigor e a transparência metodológica do trabalho.

1.1.3 Procedimentos

Como não foi possível acompanhar o tempo de permanência de cada indivíduo do começo ao fim, foi adotada uma estimativa qualitativa por faixas de tempo predefinidas: a cada observação registrada na ficha de campo, era classificado o tempo de permanência do grupo ou indivíduo observado dentro das faixas pré-definidas (menos de 10 minutos; de 10 a 30 minutos; de 30 a 60 minutos; mais de 1 hora), tendo como base o intervalo decorrido entre o momento de identificação no espaço e o momento em que deixou de ser visualizado no local.

Portanto, a faixa de permanência predominante por turno foi obtida através da frequência de ocorrência de cada faixa de tempo dentro do conjunto de fichas preenchidas naquele turno, configurando-se como um dado de natureza categórica, e não de tempos exatos cronometrados. A escolha metodológica foi intencional, uma vez que a contagem cronometrada de cada grupo ou indivíduo observado seria inviável em campo aberto; ademais, comprometeria o caráter não identificável da observação.

1.1.4 Análise digital: avaliação no Google Mapas e no Instagram

A terceira etapa desta pesquisa se constituiu na análise de plataformas digitais, avaliações do Google Mapas e publicações e hashtags no Instagram relacionadas à Rua Sapucaí, sendo fundamental como fonte de dados complementar à observação de campo. Para Castells (1999), essa análise tem como função verificar o simbolismo da imagem da rua construída de forma digital, buscando identificar se essa representação digital coincide ou diverge da observação empírica.

Essa análise se dividiu em duas etapas principais. Em relação ao Google Mapas, foi realizada uma leitura das avaliações dos frequentadores deixadas nos comentários dos estabelecimentos da rua, buscando temáticas relacionadas a movimentação noturna, sociabilidade, segurança entre outros, além disso, buscou-se encontrar o volume de avaliação como indicadores indiretos de popularidade e de frequência de uso.

Em relação ao Instagram, foi efetivada uma análise de publicações públicas geolocalizadas na Rua Sapucaí, ou associadas com hashtags, observando o modo em que a Rua é retratada nas redes, considerando os horários predominantes das postagens, o tipo de conteúdo (festa, gastronomia ou socialização) e de que maneira essas práticas reforçam a imagem da Sapucaí como vitrine da vida noturna belorizontina.

2. BELO HORIZONTE: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

A constituição urbana de Belo Horizonte foi um dos casos mais representativos de planejamento urbano e estatal no Brasil. Belo Horizonte (BH) contrariou a maioria das cidades brasileiras que cresceram de modo orgânico, ela nasce de forma totalmente projetada, resultado de um ideal republicano e de modernidade. No entanto, nos primeiros anos a complexidade urbana impulsionou um clima tenso entre o planejado e real, neste caso, o crescimento social e econômico. No decorrer do século XX, a cidade excedeu os limites projetados ao se tornar metrópole, ao mesmo tempo que experimentava as dinâmicas das centralidades e da periferização, e, atualmente, expressa seu modo de urbanização mais contemporâneo, como a Implosão e Explosão, já discutidas por Lefebvre (1999) e Edward Soja (2000 e 2013).

Logo, para entender a trajetória da cidade, é necessário relacionar o plano inicial de Aarão Reis, juntamente com os processos sociais do século XX, o planejamento urbano proposto pela Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PLAMBEL) e também, as novas dinâmicas imobiliárias da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), aproximou esse conjunto de processos com as teorias elaboradas por Roberto Luís de Monte-Mór (2006), que possui uma compreensão aprofundada acerca das metrópoles brasileiras.

Belo Horizonte nasceu de concepções e ideias com influências do positivismo, além de uma doutrina hegemônica do governo vigente na época. Como mostra o documento histórico da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) "foi pensada sob a ótica do positivismo, corrente convicta da inevitabilidade de um progresso evolutivo guiado considerando-se meios científicos e condições corretas" (BELO HORIZONTE, 2005). Como resultado, o plano urbano de Aarão Reis é marcado pela simetria e pelo higienismo. O engenheiro estabeleceu quadras regulares de 120 m x 120 m, criou avenidas diagonais e projetou largas vias como forma de organizar o espaço, como uma possibilidade de ordenar a vida urbana e estimular a circulação moderna. No relatório, detalha que "às ruas fiz dar a largura de 20 m [...] às avenidas fixei largura de 35 m [...] e a uma delas dei a largura de 50 m para constituí-la em centro obrigado da cidade" (BELO HORIZONTE, 2005).

A ideia parecia simples: a razão da técnica iria garantir a ordem urbana e a modernidade simbólica. As largas avenidas criavam perspectivas, projetadas para revelar "as visões panorâmicas dos horizontes, conforme os aspectos luminosos das alvoradas e dos poentes" (BELO HORIZONTE, 2005). Entretanto, apesar da visão modernizadora, o plano possuía um caráter segregador. O plano inicial dividia a capital em zona urbana, suburbana e

rural, segmentando grupos sociais e atribuições. O documento mostra que havia "lugares na capital que pareciam reservados exclusivamente para um tipo de atividade ou grupo social" (BELO HORIZONTE, 2005), o documento ainda diz "a planta da cidade é altamente classista [...] ruas largas não eram lugares de encontro, eram lugares de tráfego [...] foi uma planta segregacionista" (BELO HORIZONTE, 2005). Portanto, desde sua origem, BH evidencia a relação de poder e de seletividade espacial que influenciou toda sua trajetória.

Com o fim da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), a cidade adentra em uma nova era, nesse momento, o mercado imobiliário e a demanda da população começaram a guiar a expansão, dada a falta de regulamentação firme. Segundo o documento: "a cidade passou a crescer livremente [...] resultando em edificações cuja estética representa, ao mesmo tempo, o subjetivo e o imaginário coletivo" (BELO HORIZONTE, 2005). Para exemplificar, a Avenida do Contorno, na sua origem, imaginada como limite da parte planejada, tornou-se uma fronteira simbólica, entre a cidade projetada e as periferias, logo nos primeiros anos de expansão. Os trabalhadores atraídos pelas obras decorrentes na capital, mas sem direito à terra nas áreas projetadas, ocuparam as áreas de encostas e vales, desse modo, criando uma configuração padrão de periferização tão precoce quanto estrutural.

Conforme a urbanização ia se intensificando, principalmente após a década de 50, os limites do município se tornaram insuficientes para manter a grande expansão populacional, econômica e territorial, vale ressaltar que no plano inicial, BH foi projetada para 30.000 habitantes, sendo o máximo estimado de 200.000 no século XXI. BH se integrou a Contagem, Sabará, Betim, Santa Luzia entre outros municípios, dando início a uma escala metropolitana. Para encarar a nova realidade vigente, foi criada em 1973 a PLAMBEL (Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte), sendo essa criação, um marco base e importante do planejamento regional. O livro comemorativo aos 50 anos destaca o propósito ao reafirmar, segundo Chiquito, Costa e Fernandes (2023, p. 298) "dotar a Região Metropolitana de um Plano e Diretrizes para o desenvolvimento integrado do uso do solo, transportes, saneamento básico e meio ambiente".

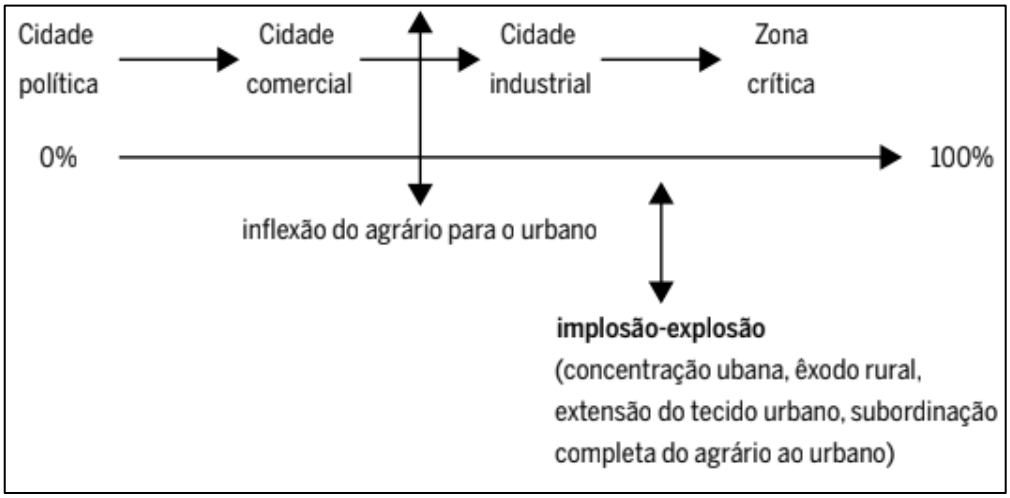
Os técnicos e/ou servidores da PLAMBEL foram os pioneiros acerca dos estudos da evolução da mancha urbana, concretizando metodologias modernas para a análise territorial, evidenciado por Chiquito et al. (2023, p. 210), "reconstituímos e registramos, em uma série de figuras (toscas, porém consistentes) a evolução da mancha urbana da RMBH, e buscamos explicar as razões de ordem físico-ambiental, socioeconômica, cultural e política de sua expansão." Ao percorrer todos os municípios os técnicos identificaram padrões de ocupação e estruturação urbana, dando origem às Unidades Básicas de Estrutura Urbana (UBEUs): "Todos

os espaços do aglomerado foram visitados [...] traçaram-se as Unidades Básicas de Estrutura Urbana" Chiquito et al. (2023, p. 329) ao mesmo tempo que o Sistema de Informação para o Planejamento Metropolitano (SIPLAN) organiza dados territoriais e socioeconômicos e destacava que "não há planejamento sem informação adequada [...] o SIPLAN sistematiza as informações produzidas pelo PLAMBEL" Chiquito et al. (2023, p. 231). Portanto, o PLAMBEL pode ser denominado um instrumento fundamental para o planejamento metropolitano, ao evidenciar a relação existente entre a análise do território de modo profundo, uma coleta de dados empírica rigorosa e a sistematização organizada das informações coletadas.

Além disso, em 1983 o órgão apresenta o Profavela, que reconhece juridicamente as favelas como partes reais da cidade, colocando fim às políticas de remoção. Tal transformação baseia-se na necessidade de reconhecer a favela como cidade e que seus moradores tenham direitos às oportunidades oferecidas pela cidade, nesse momento, o planejamento deixa de ser de cunho técnico e ganha uma dimensão social, consolidando, assim, um pensamento mais complexo sobre a metrópole.

Essa complexidade ganha notoriedade no final do século XX e no início do século XXI. O texto "Implosão e Explosão na Exópolis" (2017) fornece aspectos que auxiliam na compreensão do momento em que RMBH se expandia. Entretanto, antes de compreender o fenômeno de implosão/explosão, é preciso retomar os fundamentos teóricos nos quais Lefebvre explica estes processos como agentes transformadores da cidade. O autor, trabalha que nos tempos contemporâneos, vivemos o que ele chama de "urbanização completa da sociedade" (LEFEBVRE, 1999; 2001a, 2001b), no qual o urbano passa a ser uma virtualidade social totalizante deixando de ser apenas um assentamento. Essa transformação pode ser vista como um continuum espacial e temporal, da qual o início refere-se à "pura natureza" (territórios sem qualquer tipo de urbanização) e o outro extremo refere-se à "urbanização inteiriça". Conforme Monte-Mór (2014) e Tonucci Filho (2013), entre essas duas extremidades é que se encontram as formas históricas de urbanização, como por exemplo a cidade política, a cidade mercantil, a industrial e por fim, a zona crítica, nas quais as mazelas urbanas rompem para com a cidade tradicional. A leitura dessa transformação mostra que a urbanização é um processo progressivo, que acumula, abrange e prepara o terreno para outras transformações como exemplifica a figura 1.

Figura 1- Urbanização e implosão/explosão



Fonte: Lefebvre (1999).

É na zona crítica que esse resultado da intensificação da urbanização e dissolução da sociedade com as cidades tradicionais, que surgem os processos de implosão/explosão. Lefebvre (1999) afirma que a metrópole vive processos simultâneos de intensificação do centro (implosão) e expansão desordenada para a periferia (explosão). Desse modo, o centro se intensifica ao mesmo modo que libera fluxos que reorganizam outros espaços.

Posto isso, com a contribuição de Soja (2000) e a noção de Exópolis, observa-se que as metrópoles contemporâneas são organizações policêntricas, fragmentadas e moldadas por ideais imobiliários e financeiros tendo a RMBH, segundo Almeida, Monte-Mór e Amaral (2017, p. 325), "fragmentação, especialização funcional e emergência de novos territórios da propriedade privada, como condomínios fechados e enclaves fortificados".

Todas essas transformações corroboram o modelo teórico de Monte-Mór (2006), em que , para ele, o Brasil vive uma "urbanização extensiva", nas quais coexistem múltiplas centralidades além do hipercentro. Ainda, o estudo da Exópolis, reforça essa ideia, que, exemplificada pela RMBH que possui várias centralidades conectadas por vias e pelo mercado imobiliário, o que mostra a substituição das funções tradicionais (Almeida et al. 2017). Deste modo, BH pode ser lida como um tecido urbano expandido, no qual existe uma estrutura policêntrica e dispersa, consequência de uma metropolização que ultrapassa os limites políticos e administrativos.

No decorrer do século, BH passou de uma cidade projetada à ponta de lápis para uma metrópole extremamente complexa, nas quais os processos mais diversos coexistem, sejam

eles a modernização, a desigualdade e a reestruturação do território. Hoje, a RMBH, expressa de modo mais claro as tendências globais, confirmando as leituras dos teóricos da urbanização contemporânea aqui mencionados.

2.1 Gentrificação

A requalificação urbana, apresentada pelo poder público com o intuito de recuperar o patrimônio e a melhoria da qualidade de vida traz consigo, quase que sempre, um efeito colateral estrutural: a gentrificação. Este termo, formulado por Ruth Glass em 1964, descreveu a substituição de moradores operários por classes médias em bairros de Londres. Posteriormente, sistematizado por Smith (1996), como uma categoria de análise do capitalismo urbano contemporâneo. Para ele, a gentrificação é alavancada pelo *"rent gap"* que nada mais é que a discrepância existente entre a renda atual do solo urbano desvalorizado e sua renda potencial sob um uso mais intensivo, logo tornando certas áreas atrativas para o investimento imobiliário e comercial.

Lees, Slater e Wyly (2008) diferenciam a gentrificação em outras correntes, sendo elas: a gentrificação residencial, a comercial e a simbólica. Essa última é relevante para os estudos acerca da centralidade noturna, pois, ocorre quando a identidade cultural de certo lugar é reconfigurada para atender ao consumo de grupos com maior renda aquisitiva, sem que haja, de fato, uma mudança física dos moradores. No contexto brasileiro, Souza (2006) examina que a gentrificação funciona frequentemente por meio da transformação nos padrões de uso do espaço público, como por exemplo, a substituição de práticas populares por práticas seletivas. Logo, a partir dessa perspectiva, pode se aplicar o conceito de gentrificação simbólica em praças e ruas, mesmo que a estrutura residencial do entorno permaneça a mesma.

2.2 Definições usuais de reformas urbanas

Ao tratar de assuntos que abordam a esfera da Geografia Urbana, foi necessário se atentar-se à qual termo utilizar. Diante dessa problemática, é importante que sejam buscadas as definições dos conceitos chaves que conduziram essa pesquisa. Historicamente, os termos foram surgindo conforme as necessidades urbanas da época, todavia, com as mudanças nas necessidades, mudaram também os termos que definiam as ações que deveriam ser tomadas.

Para Peixoto (2009), com a disseminação dos termos em disciplinas diversas, como a Arquitetura e a própria Geografia, acarretou-se em um uso acrítico, somadas à introdução em

discursos jornalísticos, técnicos, políticos e também científicos. Portanto, é viável que se retome a gênese dos termos mais comumente reconhecidos dentro da Geografia Urbana.

A origem dos termos que possuem o prefixo "re" teve seu início na década de 1950, como consequência das devastações da Segunda Guerra Mundial e são usadas até os dias atuais, por exemplo: reestruturação, revitalização, e reabilitação, conforme (Pasquotto, 2010). Tal constatação, ressalta a necessidade de esclarecer as diferenças entre os termos que permeiam os estudos urbanos, este trabalho abarcou-se dos mais utilizados nas pesquisas: requalificação, revitalização e reabilitação.

2.2.1 Requalificação urbana

Acerca do termo de "Requalificação Urbana", pode-se definir como, para Peixoto (2009), uma intervenção urbana que pode alterar as estruturas físicas já consolidadas dos espaços urbanos, como o processo de demolição, sem levar em conta a preservação da identidade do local. O primeiro exemplo é o realizado por Haussmann (1851-1870), em Paris, alargando as avenidas, demolindo infraestruturas e estendendo-se até os limites do território urbanizado, Haussmann ainda organizou a cidade nos chamados *arrondissements*, o que se conhece hoje como bairros. Já no Brasil, a reforma Passos no Rio de Janeiro (1903-1906), aconteceu de forma semelhante à renovação de Haussmann, na França. Ainda Pasquotto (2010) reafirma que essas intervenções podem substituir por completo as edificações e infraestruturas existentes. Seixas et al. (2006) acrescentam que essas novas construções podem possuir novas configurações, funções e tipologias.

Associadas às consequências negativas do processo de urbanização desenfreada nas cidades, alguns dos objetivos da requalificação urbana é de adaptar a cidade às novas dinâmicas modernas e que são baseadas, muitas das vezes, nos princípios modernistas da Carta de Atenas (CIAM, 1933) segundo Pasquotto (2010). Além disso, Seixas et al. (2006), complementam que outro objetivo é a possibilidade da criação de novas centralidades urbanas, com intuito de introduzir novas funções econômicas, muitas vezes ligadas à especulação imobiliária.

Esse modelo de substituição radical do tecido urbano possui impactos de cunho social, como por exemplo, a expulsão da população residente, além da especulação imobiliária, como dito anteriormente. Ademais, as situações aqui mencionadas, alteram significativamente a dinâmica social, quando há substituição dos moradores que possuíam uma relação com o lugar.

A requalificação urbana foi criticada por alguns autores como Del Rio (1991) que chamava o método de demolição de "arrasa quarteirões" e de que possuía um caráter impessoal. Já Amadio (1998 *apud* Pasquotto, 2010), relata que a requalificação urbana surgiu no quadro de urgências econômicas e sociais no cenário pós-guerra. Ademais, o processo acaba por desconsiderar a população residente e também, por estar associada ao processo de gentrificação, que resulta na expulsão tanto dos moradores quanto dos comércios tradicionais locais, tornando o espaço restrito à classe social mais alta (Seixas et al 2006).

Portanto, de modo geral, a requalificação urbana está relacionada intrinsecamente ao processo de substituição de edifícios construídos, por meio de demolição ou reconstrução, atribuindo-lhe um novo caráter/função ocasionado em diversos empecilhos na dinâmica social contemporânea. Cabe ressaltar que, a Carta de Lisboa (1995) define a necessidade de demolição de bens arquitetônicos que estão "degradados" visando a construção de modelos contemporâneos. Essa afirmativa encontra-se no Art. 1° da Carta.

2.2.2 Reabilitação urbana

A Carta de Lisboa (1995) define a Reabilitação Urbana como uma estratégia de requalificar a cidade existente através de diversas intervenções que possibilitem valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais. A gestão urbana, pretende com essa estratégia, proporcionar melhor qualidade de vida, o que necessita de melhoramentos em áreas urbanas. Para Peixoto (2009) e Seixas et al. (2006) a reabilitação trabalha com a manutenção das edificações existentes, de forma em que não se altere a estrutura do espaço urbano. Pasquotto (2010) ainda implementa que também é uma das estratégias de restabelecer funções urbanas sem que modifique a cidade. A reabilitação tem um caráter prático mais ideológico, conectando-se à filosofia patrimonial que dá vida ao termo, pois é lhe dado um sentido que liga a nostalgia de sociabilidade perdida, ora no tempo, ora no espaço (PEIXOTO, 2009).

No Brasil, um exemplo pioneiro em Reabilitação foi a rua XV de novembro (atual Rua das Flores), em Curitiba, na década de 70, quando foi transformada para que os pedestres tivessem maior acessibilidade, diminuindo o fluxo de automóveis. Esse novo modelo de rua ficou conhecido como "calçadões" (BASTOS et al., 2021). Macedo (1999) relata que inicialmente os comerciantes da localidade ficaram receosos quanto à ideia de reabilitação, entretanto, mostrou aumento significativo em consumo e em público. Além disso, o projeto também restaurou edifícios antigos.

Além de melhorar a qualidade de vida, como a Carta de Lisboa evidencia, os objetivos da Reabilitação se baseiam, principalmente, em um novo modo de transformar edifícios precários para que estes possam ter uma condição habitável. Essa lógica é pensada para além de edifícios, os espaços urbanos públicos também ganham uma notoriedade nesse conceito. É restabelecendo a funcionalidade e o valor dos edifícios construídos que se cria um equilíbrio entre a preservação e a modernização, conforme Pasquotto (2010). Além disso, a reabilitação ainda auxilia no processo de preservar a identidade e a memória urbana, contribuindo com a permanência dos habitantes originais.

Entretanto, a reabilitação urbana pode esconder interesses específicos que algumas vezes estão ocultos. Benjamim (1997 *apud* Peixoto, 2009) relacionou a requalificação de Haussmann em Paris, que fora motivado pela confiança exacerbada no futuro e o medo/desconfiança do passado. Portanto, essa ideia de trazer novamente a importância dos centros históricos, sendo para refuncionalizar e/ou requalificar através de políticas urbanas, não deixa de se idealizar pelo já que um dia já existiu no lócus, uma paixão/nostalgia pelo passado, que talvez, mesmo com inúmeras intervenções, jamais possa voltar a ser o que um dia já foi.

2.2.3 Revitalização urbana

A intervenção urbana neste momento desenvolve a função de recuperar as funções econômicas e sociais da cidade, em que combina estímulo à economia e cultura com melhorias de infraestrutura, conforme Peixoto (2009). Reafirmado por Seixas et al. (2006) e Pasquotto (2010) a revitalização se caracteriza pelo processo de resgate de áreas degradadas por meio das novas dinâmicas sociais, culturais e econômicas. A estratégia aplicada busca reanimar os espaços urbanos através de diversos modos, principalmente social e ambiental. Apesar de ser semelhante ao conceito de Reabilitação Urbana, a revitalização busca reanimar qualquer espaço da cidade que tenha tal potencialidade de revitalização. A linha c) do Art. 1° define que a revitalização engloba operações destinadas a relançar a vida econômica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas.

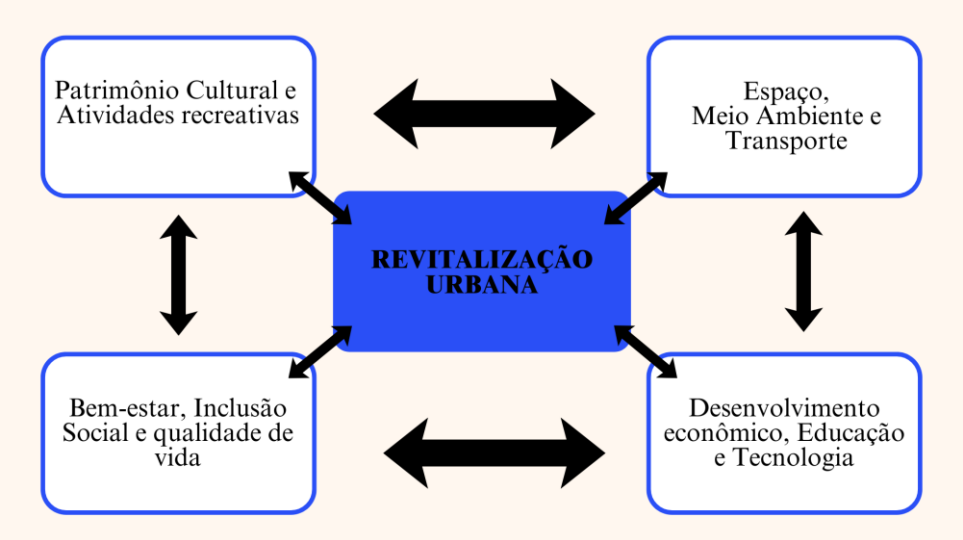
Com o objetivo de atrair novos moradores e atividades econômicas para áreas degradadas, sem alterar significativamente sua estrutura física, essa intervenção urbana combina a recuperação dos edifícios com a introdução de novas atividades comerciais e culturais. Dessa forma, busca-se reduzir a necessidade de deslocamentos longos pelos

moradores. Além disso, a proposta envolve parcerias público-privadas, que atuam de forma coordenada para transformar essas áreas em espaços dinâmicos, multifuncionais e com maior vitalidade urbana.

Um dos exemplos de revitalização urbana no mundo é a revitalização do Rio Cheonggyecheon em Seul, na Coréia do Sul. Este é o principal rio de Seul, e como (quase) toda capital, possui problemas ambientais, como por exemplo, a poluição de cursos d'água. O rio já foi canalizado e coberto por uma autoestrada, sendo uma das maiores rodovias de Seul (GARCIAS; AFONSO, 2013). Conforme Soo Hong Noh (2010 *apud* GARCIAS; AFONSO, 2013), após analisarem o caso de um canal em Ottawa, nasceu a ideia de restaurar o rio Cheonggyecheon. Como resultado da revitalização do rio, o centro de Seul obteve uma restauração histórica e cultural, além disso, ocorreram: demolição de estruturas de concreto, a criação de uma estação de água, implantação de tratamentos de efluentes, paisagismo e iluminação. Isso demonstra como a revitalização possui a capacidade de alterar a lógica de um espaço urbano (GARCIAS; AFONSO, 2013).

Todos os conceitos até aqui trabalhados e apresentados em suas definições enquanto intervenções urbanas podem integrar o processo revitalização como sintetiza a figura 2, dessa forma apesar de estarem em suas definições singulares, ainda sim se encaixam dentro da lógica de revitalização. De forma geral, ambos buscam melhorar a estrutura, e renovar áreas degradadas da cidade. Portanto, significa que as intervenções podem ser combinadas para dar novas dinâmicas e transformar o espaço urbano de forma integrada.

Figura 2 - Conexões entre as abordagens de Revitalização Urbana



Fonte: Elaboração própria, 2025.

O processo de revitalização urbana possui uma visão de médio e longo prazo, pois entende as dinâmicas do mundo cada vez mais globalizado, sendo assim, se adaptando às mudanças de oportunidades e a competitividade econômica dentro do espaço urbano. Outro ponto importante, é que a revitalização urbana enfatiza um maior centramento no enquadramento social e cultural do que nas dimensões físicas e edificadas do espaço urbano.

Como dito anteriormente, o conceito de Revitalização se depara com a proliferação de outras noções relacionadas como: a renovação, reabilitação e a requalificação, portanto, essas abordagens podem ser organizadas de três modos diferentes. 1) A revitalização como parte de um planejamento urbano, sendo apenas uma parte de um projeto maior de estratégias, podendo estar incluso dentro de um plano diretor; 2) como conceito central, no qual engloba e orienta outros processos urbanos e 3); como uma abordagem independente, na qual se reconhece as relações entre os diferentes fenômenos sem que estejam em uma relação hierárquica.

Portanto, a revitalização urbana, de modo geral, se estabelece não apenas como um projeto de transformação do espaço, mas como um processo baseado no planejamento estratégico com a participação de diversas áreas, garantindo que as cidades sejam mais inclusivas, dinâmicas e resilientes. No entanto, diante de uma perspectiva crítica, é necessário ponderar que as intervenções, em sua maioria, não são neutras. Quando pensadas por interesses das classes sociais privilegiadas e pela lógica da capital, essas intervenções podem reforçar os processos de exclusão de grupos sociais marginalizados. Por outro lado, quando aplicadas de forma inclusiva, na qual a participação pública seja efetiva, podem contribuir para a melhoria das condições urbanas de forma mais equitativa.

2.3 A centralidade

A centralidade urbana é um tema bem explorado pela geografia urbana, e uma das vertentes que a discute é a geografia crítica, pois é a base primordial para compreender o processo de (re)organização das cidades contemporâneas. A centralidade pré-industrial, era um refúgio do valor de uso, destinado a vivências, acumulação de experiências, espaço onde se constroem mutuamente histórias e emoções, em contrapartida ao valor de troca, enviesado no lucro (especulação imobiliária, como exemplo). Entretanto, o processo de industrialização, ao generalizar as mercadorias e o valor de troca, foi destruindo a realidade urbana original. A urbanização e a industrialização foi, como dito por Lefebvre, conflitante e violento, marcando o início da crise da centralidade tradicional.

> O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) (LEFEBVRE, 1968, p. 12).

A centralidade não é apenas uma posição física em um centro urbano, vai além, pois representa, segundo Henri Lefebvre (1968, p. 109) "um valor, um produto histórico". Toda centralidade é ao mesmo tempo reunião e segregação, aproximação e separação". Lefebvre, ao romper com a visão tradicional de que o centro é apenas um núcleo funcional ou mesmo somente econômico, traz à tona às relações sociais e de poder. O domínio do espaço é a fonte ideal para perpetuação do poder social na vida cotidiana. Controlar o espaço e o tempo é crucial na busca incessante pelo lucro e poder influenciar a produção do espaço, como infraestrutura, por exemplo, é um meio de aumentar esse poder social.

Conforme Lefebvre (1968) e Harvey (1989) o espaço urbano é um campo de disputa e a centralidade se manifesta como um lugar que concentra os fluxos econômicos, culturais e políticos, ao mesmo tempo que é também um espaço de resistência e apropriação social. O "direito à cidade" proposto por Lefebvre, potencializa a ideia de que o espaço urbano deve ser pertinente pelos cidadãos em sua totalidade e não apenas como meros consumidores, mas como também produtores do espaço.

A cultura contemporânea e o capitalismo, também participam dessas leituras, como evidência a análise de David Harvey (1989) na sua obra: *"A condição Pós-moderna"*. Harvey relaciona as transformações na urbe, com as modificações do capitalismo e da cultura atual. Se para Lefebvre a centralidade era uma junção de relação social e poder, para Harvey nada mais é que um mero produto junto à condição de acumulação de capital. "O tempo e o espaço são moldados pelas práticas sociais. O capitalismo tem de revolucionar constantemente as qualidades espaciais e temporais da vida social para manter sua acumulação" (HARVEY, 1989, p. 238).

A produção do espaço, neste caso, está ligada à dinâmica do capitalismo, o entendimento do tempo-espaço, acelerado principalmente após 1972, produz uma diferenciação interna nas cidades e nas sociedades.

Na modernidade, as cidades tinham suas estruturas pensadas na racionalidade técnica do até então planejamento modernista, no qual se buscava uma eficiência e controle sobre o espaço. Neste modelo, segundo Harvey, a centralização econômica e administrativa era uma representação do fordismo e do poder burocrático, haja vista que "o centro de negócios era o coração pulsante do capital, o lugar onde se manifestavam suas lógicas mais puras: centralização, comando e dominação" (Harvey, 1989, p. 75). O modelo, porém, produziu

espaços urbanos fragmentados e excludentes, o que, por fim, gerou a crise do projeto modernista. No pós-modernismo, a resposta advém de uma fragmentação e de uma valorização, mesmo que simbólica do espaço, onde a centralidade se torna cultural e estética, neste momento, mais vinculada ao consumo e à experiência do que à produção.

À medida que o modelo fordista ia cedendo para o modelo pós-fordista, a cidade se transformava em uma espécie de colagem, formada de estilos e de funções justapostas. O pós-modernismo, cultiva o conceito de tecido urbano, como o "palimpsesto", quando formas passadas coexistem com as novas. Para Harvey (1989), a cidade, naquele momento se exibia pela aproximação de estilos, de funções e de tempos históricos que coexistem sem algum tipo de hierarquia, ia espelhando a própria lógica da acumulação flexível. É neste momento que a centralidade deixa de estar somente associada ao centro financeiro e passa a surgir em novos territórios urbanos, principalmente destinados ao consumo e ao lazer. Shoppings, praças e corredores culturais são exemplos destes novos territórios. Esses espaços demonstram o que Harvey define de "cidade-espetáculo", quando o valor de troca supera o valor de uso. Dessa forma as novas centralidades, não prescrevem o fim dos centros tradicionais, mas sim a multiplicação de novos focos de atração social, que podem estar ligados ao turismo, ao lazer e à cultura. Entretanto, Harvey afirma que ao cederem às contradições do capital, as novas centralidades geram processos de gentrificação e de privatização do espaço público.

2.4 Centralidade: forma variável da manifestação dos fluxos hegemônicos que configuram a vida urbana e a valorização e contradição

A forma a qual o presente trabalho leu a Rua Sapucaí como uma centralidade emergente, surgiu da ideia das novas formas de centralidades contemporâneas, e é, portanto, baseada nas contribuições de Milton Santos (1996), sendo aquela que ultrapassa os limites de uma centralidade enviesada apenas no seu papel econômico ou turístico, agora, esse espaço tem características simbólicas de sociabilidade e de consumo de cultura. Essa nova leitura é um resultado direto das novas reconfigurações constantes existentes entre o capital, o território e a sociedade. "O espaço é formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. É nessa interação que se realiza a centralidade, que muda de forma, mas não desaparece" (SANTOS, 2006, p. 63). Ou seja, é a partir desta visão, que se pode evidenciar que o espaço urbano é o desdobramento das práticas sociais e técnicas mediadas pela lógica do capital. Portanto, neste momento, a centralidade é uma forma variável da manifestação das hierarquias dos fluxos que configuram a vida urbana.

Milton Santos (1996) define que o meio técnico-científico-informacional é a base material e social da contemporaneidade, na qual a técnica e a informação tornam-se mediadoras das relações sociais e territoriais: "A técnica, ela própria, é um meio" (SANTOS, 2006, p. 22). Desse modo, a cidade contemporânea deve ser compreendida como um sistema de objetos e ações interdependentes, onde cada lugar tem uma função dentro da rede global de fluxos e de comunicação. Nessa lógica, a centralidade reflete as formas hegemônicas de racionalidade que guiam a produção e o consumo urbano.

A Rua Sapucaí se relaciona neste contexto justamente por ser uma reprodução simbólica do espaço: sendo não apenas um local de lazer, como também um produto técnico e cultural, estando articulado às redes de comunicação, turismo e investimento. Ainda para Milton Santos "a técnica reúne categorias internas e externas do espaço, permitindo empiricamente assimilar coerência externa e interna" (SANTOS, 2006, p. 13). Consequentemente, entender a centralidade da Sapucaí exige entender tanto sua materialidade, como a infraestrutura urbana e a sua dimensão simbólica, ou seja: produção de sentidos e estilos de vida.

Para compreender o urbano é necessário que se articule entre o tempo, a técnica e a sociedade, pois a totalidade do espaço é resultado de um movimento constante de totalização e de fragmentação, no qual cada lócus se recria a partir da divisão social e do trabalho. Portanto, a Rua Sapucaí, expressa o encontro do global e do local, entre as práticas culturais cotidianas e a lógica do capital. A Rua Sapucaí representa um espaço onde a materialidade urbana e os símbolos se unem, evidenciando que o espaço é produto e produtor das interações sociais.

É importante uma análise da Rua Sapucaí como uma centralidade emergente. Como visto anteriormente, o centro era o lócus da decisão política, econômica e administrativa. Contudo, com o avanço e o desenvolvimento do modo de produção capitalista juntamente com as transformações urbanas na metrópole, transformações podem acontecer, como por exemplo: a implosão da cidade. A implosão, para Ana Fani (1992), nada mais é que a saturação do espaço urbano, causado pela lógica da reprodução do capital, acarretando na aceleração do tempo e das transformações urbanas, assim, tornando o espaço obsoleto, mesmo este espaço sendo novo a lógica será sempre o configurar para seguir as lógicas do capitalismo.

A Rua Sapucaí, ao cogitar-se ser uma centralidade emergente pode se inserir no processo no qual Ana Fani chama de "centralidades móveis", que pode ser definido como uma movimentação no espaço metropolitano, as quais geram fluxos com base nas novas formas de comércio e de serviços. Essas novas centralidades podem estar associadas ao deslocamento do comércio, dos serviços de lazer e estão ligadas ao processo de valorização do espaço pela

concentração do investimento. A intervenção do estado também se faz importante, ao atuar na produção do espaço, seja como regulador e ordenador, pode direcionar investimentos, como infraestrutura, o que aconteceu na Rua Sapucaí, quando, em junho de 2024, a PBH iniciou as obras da Requalificação da rua. Essa intervenção do estado, muitas vezes pode estar associada à mediação para a realização de manobras do setor imobiliário, desse modo, fazendo o espaço ser produzido enquanto um produto.

A cidade não pode ser habitada em sua totalidade, mas pode ser habitada em lugares da cidade. Portanto, a Sapucaí não pode ser apenas uma centralidade econômica ou de prestação de serviços, ela também é um lugar, no sentido geográfico e existencial. Vale lembrar, que o lugar é a parte do espaço destinado à vida, na qual o dia-dia se desmembra e ganha significado. O significado de lugar é a fundamentação da reprodução da vida e pode ser examinado através da tríade habitante-identidade-lugar. A história em cada lugar se realiza por meio da cultura, da tradição e de hábitos próprios.

A Rua Sapucaí, como objeto deste estudo, se torna a espacialidade por excelência do cotidiano e de poder na cidade quando

> representa a cotidianidade na nossa vida social (...) Lugar de passagem, de interferências, de circulação e de comunicação, ela torna-se, por uma surpreendente transformação, o reflexo das coisas que ela liga, mais viva que as coisas. Ela torna-se o microscópio da vida moderna. Aquilo que se esconde, ela arranca da obscuridade. Ela torna público (LEFEBVRE, 1961, p. 309 apud CARLOS, 2007, p. 54)

A rua se configura a partir da perspectiva de Lefebvre como um lugar de encontro e de sociabilidade, na qual se manifestam as relações, ao contrário do isolamento da metrópole, onde muitos indivíduos se sentem sozinhos em meio a multidão. Também é espaço de lutas, onde se aprende sobre o conflito existente entre a padronização do cotidiano e improvisação e a espontaneidade, tal ponto de vista pode ser evidenciado na apropriação da rua através do lazer e cultura, como forma de resistência ao valor de troca. Além disso, é um espaço de segregação social, no entanto, é, ao mesmo tempo, o lugar onde o inesperado e inusitado acontecem.

2.5 A Economia Noturna como Expressão de Centralidade

Ao entender que a centralidade não é estática e nem homogênea durante todo o tempo. Lefebvre (1992) analisa os ritmos urbanos e mostra que o espaço da cidade é atravessado por ciclos temporais que se diferenciam entre si. Esses ritmos (diurnos, vespertinos e noturnos) produzem práticas, sociabilidades e relações de poder igualmente diferentes. É a partir dessas singularidades cíclicas que se insere o conceito de economia noturna (*night-time economy*),

definido por Chatterton e Hollands (2003, p. 8), como um conjunto de atividades econômicas, culturais e sociais que moldam a vida urbana após o horário comercial convencional, que se baseiam principalmente no consumo de entretenimento, gastronomia e sociabilidade. Para ambos autores, a economia noturna é um campo de disputas contemporâneas em três tipos de espaços: (i) os dominantes, organizados pelo capital corporativo e orientados ao consumo em massa; (ii) os alternativos, produzidos por comunidades e grupos culturais específicos, possuindo diversidade e autonomia e os (iii) residuais, margens e "vazios" da economia noturna formal. Roberts e Eldridge (2009) corroboram a análise, dizendo que, as políticas públicas de requalificação dos espaços noturnos tendem a mover espaços alternativos para a lógica dominante, quando introduzem normas de uso, mobiliário padronizado e valorização imobiliária que expulsam os agentes originais.

Esse processo, se conecta com o que Harvey (1989) descreve como empreendedorismo urbano. Na medida em que esses espaços noturnos se edificam no território urbano, podem ser entendidos através do conceito de cena urbana, proposto por Straw (1991) sendo um conjunto de práticas culturais de sociabilidade que se manifesta em pontos específicos da cidade, produzindo então uma identidade de lugar e atratividade simbólica antes mesmo de qualquer intervenção do poder público.

2.6 Simbolismo e Representação: O Espaço Urbano como Vitrine

Se a centralidade é fenômeno que concentra fluxos, práticas e simbologia em certos espaços, a vitrine surge como uma categoria de análise para entender a dimensão da representação destes processos na formação das centralidades. Zukin (1995) expõe como certas paisagens urbanas são produzidas como paisagens simbólicas, ou seja, cenários construídos para projetar a imagem de uma cidade orientada para o consumo, ao turismo e atração de investimentos. Nesse viés, o espaço urbano, não somente comporta as atividades econômicas, mas a transforma em um produto, que como em uma vitrine, exibe determinados valores, estilos de vida e identidades. Ao radicalizar tal análise e argumentar que o capitalismo contemporâneo converte o espaço urbano em espetáculo, Debord (1997) afirma que esse espetáculo é uma representação que tem autonomia em relação às práticas que lhe deram origem e passam a ser consumidas como imagens. Ao complementar tal argumentação, Baudrillard (1995) propõe o conceito de signo-mercadoria: nas sociedades de consumo, não se consome somente os objetos ou os lugares em si, mas sim o conjunto de signos e imagens que eles projetam.

Esse processo encontra sua evidenciação contemporânea máxima nas redes sociais digitais, em que o ato de consumir ultrapassa apenas existir e permanecer, agora, é necessário fotografar e postar. Portanto, nessa lógica, Carlos (2001) associa essa dimensão de representação com a teoria lefebvriana, quando mostra que a representação do espaço se sobrepõe ao espaço de representação, ou seja, quando a imagem do lugar substitui a vivência empírica dele. Ocorre, neste caso, uma captura do valor de uso pelo valor de troca, mecanismo esse, central dos processos de requalificação urbana.

2.7As centralidades urbanas belorizontinas já consolidadas

O entendimento da Rua Sapucaí como uma possível nova centralidade noturna em Belo Horizonte, exige que se retome uma análise das outras centralidades belorizontinas já consolidadas. Dado que o surgimento das centralidades está ligado aos processos de produção do espaço as dinâmicas econômicas e as reconfigurações socioculturais como já visto anteriormente.

Diante disso, a centralidade é compreendida como um espaço nodal que possui circulação, atividades e significados simbólicos, sendo evidente em uma escala intraurbana e na escala metropolitana (SPOSITO, 1998 *apud* CEDRO, 2016). Além disso, é reafirmado por PESAVENTO (2007, *apud* CEDRO, 2016) que a centralidade é um espaço carregado de representações, que possuem valores culturais e identitários que organizam a vida urbana.

Portanto, nesse sentido, BH apresenta uma movimentação das centralidades ao longo dos anos, destacados pela ação de diversos agentes diferentes, principalmente o Estado e o capital privado, além das transformações associadas à modernidade periférica latino-americana (CEDRO, 2016; LEMOS, 2007).

2.7.1 Praça Sete e o centro tradicional

A primeira centralidade de BH se sistematizou a partir do planejamento original da cidade, com protagonismo para a região da Praça Sete e seu entorno (CEDRO, 2016). Tal área, pensada no final do século XIX, foi resultado da ação do poder público, motivado por ideais positivistas, sanitaristas e de progresso, como dito anteriormente.

Representando, de modo simbólico, o modelo republicano de cidade moderna e denominada de "rota da modernidade", por Cedro (2016), essa centralidade agrupava funções administrativas, comerciais e culturais, em um percurso que se iniciava na Praça Sete, seguia

pela Avenida Afonso Pena, pela Rua da Bahia e finaliza na Praça da Liberdade. Sua morfologia espacial promovia a circulação, a razão urbana e a concentração de serviços, o que contribuiupara a solidificação como uma centralidade.

Entretanto, no decorrer do século XX, no espaço iniciou-se o processo de saturação. Do ponto de vista funcional e econômico, o valor do solo na região alcançou valores altos, o que dificultou novos investimentos, fossem eles privados ou públicos, além disso, o poder público colaborou com a situação ao realizar apenas 0,05% de investimentos na região em destaque. Já do ponto de vista simbólico e social, o centro sofreu uma perda do seu local de encontro, se tornando apenas um local de passagem, ganhando uma imagem apenas de lugar de necessidade imediata, voltada somente para negócios e serviços. Ou seja, de modo geral, a grande concentração de atividades e a valorização do solo urbano colaboraram com a perda da qualidade dos serviços e com a diminuição da atratividade para grupos sociais específicos.

2.7.2 Savassi: consumo e sociabilidade

Enquanto o centro tradicional ia perdendo seu poder de atratividade, novas centralidades iam emergindo em Belo Horizonte, entre elas, a Savassi. Originalmente, o bairro residencial (Funcionários), se consolidou como um importante polo de comércios e serviços, quando a partir das décadas de 70 e 80 passou por um processo de reconfiguração, motivada principalmente por atores privados, como comerciantes e moradores (LEMOS, 2020).

Destacada por uma centralidade voltada para o lazer e para o consumo, apresentava uma qualidade varejista e de serviços especializados superior ao centro antigo (Praça Sete e entornos). Se tornando um espaço de encontro e permanência, a Savassi foi se estruturando como um polo de formação de "territórios existenciais", nos quais as pessoas frequentavam sem que precisassem realizar tarefas específicas, apenas para passear ou se encontrar com amigos. Tal fato é afirmado com o rito de "savassiar", que, para o escritor Roberto Drummond, compreende-se o ato de ir e vir sem metas temporais, criar uma identidade legitimadora, nas quais é um prestígio frequentar a região e por fim, ser apropriado por grupos diversos (LEMOS, 2020; CEDRO, 2016).

Apesar da nova reconfiguração espacial, a nova centralidade apresentava um recorte de classe nítido, sendo frequentada principalmente por grupos de maior poder aquisitivo, nos quais buscavam requinte, elegância e sofisticação (LEMOS, 2020; CEDRO, 2016). Essa característica destaca a produção desigual do espaço, onde a Savassi funciona como uma "vitrine da cidade" na qual o charme do lócus é transferido para quem frequenta. Tal processo

reforça a segregação socioespacial, consolidando a região como local de consumo e lazer seletivo para certos grupos. Vale ressaltar que essa "vitrine da cidade", se caracteriza, quando oferece um panorama idealizado de reconhecimento, em que fornece elementos marcantes e representativos, como por exemplo: arquitetura, paisagem, atividades culturais e formas de lazer, que auxiliam na construção da identidade urbana (CEDRO, 2016). Ou seja, de forma geral, vitrine é a forma com que a cidade se expressa e se mostra para quem é morador ou está visitando.

2.7.3 Pampulha: centralidade simbólica e a lógica metropolitana: periferias e fragmentação

Diferentemente das centralidades aqui abordadas, como a Praça Sete e a Savassi, a construção da centralidade da Pampulha entre as décadas de 1940 e 1950, esteve vinculado à ação liderada pelo poder público, destacando a gestão de Juscelino Kubitschek (CEDRO, 2016). Tal região não se estabeleceu como um projeto financeiro ou comercial, mas sim, como uma centralidade simbólica, neste caso, buscava projetar uma imagem de cosmopolitismo e inovação, principalmente no que tange a estética através do complexo arquitetônico e artístico.

A Pampulha encarna um marco da modernidade em BH, desvincular-se dos paradigmas do tecnicismo acadêmico, tornando-se a vitrine da capital ao apresentar requinte e glamour. Portanto, sua identidade urbana, foi construída em torno do lazer, da cultura e do turismo, que atraíam a elite da época (CEDRO, 2016).

Com a intensificação dos processos de metropolização, BH apresentava uma nova configuração policêntrica, onde a centralidade tradicional se espalhava por todo o território, o que resultava em uma série de fragmentos disjuntos ou subúrbios (MELLO; TONUCCI FILHO, 2023). Tal processo de "urbanização extensiva" ocasionou a formação de parcelas intrametropolitanas, cada uma com sua função econômica e símbolos sociais próprios (MELLO; TONUCCI FILHO, 2023; CRAVEIRO, 2005).

Neste cenário, surgem centralidades periféricas, como a região das "Seis Pistas" em Nova Lima (Vila da Serra e Vale do Sereno). A região se estruturou como um polo de serviços avançados, dentre eles: consultorias empresariais, assessoria jurídica e serviços biomédicos. Esses serviços foram impulsionados por uma ação do poder público local, que buscava arrecadação tributária e o capital privado, procurando vantagens locais e redução de impostos (CRAVEIRO, 2005).

As novas centralidades, projetam a lógica do empreendedorismo urbano, quando o planejamento é redirecionado para a construção de uma imagem da cidade como produto e atender às demandas do mercado com intuito de atrair investimentos. No entanto, essa dinâmica evidencia, novamente, a segregação socioespacial e o cunho da "elitização" destes empreendimentos, que se tornam enclaves voltados para as classes de alta renda (CRAVEIRO, 2005).

Além disso, os Grandes Projetos Urbanos (GPU) da contemporaneidade, como a Centralidade Sul (CSul), na Lagoa dos Ingleses, ratificam a tendência de suburbanização, que é definida pela combinação da descentralização da população e o forte crescimento econômico atrelado à expansão urbana espacial (MELLO; TONUCCI FILHO, 2023). Deste modo, o CSul propõe a criação de uma "nova cidade", planejada e de grande porte, na qual visa atrair indústrias de alta tecnologia e consolidar um polo urbano autossuficiente para atender às demandas habitacionais e comerciais de classes privilegiadas da Região.

3 O BAIRRO FLORESTA E A RUA SAPUCAÍ: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E CENTRALIDADE EMERGENTE

O Bairro Floresta se caracteriza como um dos primeiros de Belo Horizonte. Sua formação, datada de 1896, antes mesmo da inauguração da nova capital, surgiu próximo da Avenida do Contorno (GÓES, 2008). O ponto de partida para a criação do bairro foi a região chamada de Alto da Estação, localizada em uma área mais alta atrás da Estação Ferroviária, o que destacou sua relação com a infraestrutura de transporte e o crescimento rápido da capital (BELO HORIZONTE, 2022a).

O processo de ocupação foi precoce e estava associado à chegada de operários, em sua maioria imigrantes, que vieram trabalhar nas obras da nova capital. O modo de vida dos primeiros moradores, passava longe dos ideais de higiene e organização pressupostos pelo plano para a nova capital, o que resultou em uma nova configuração no espaço urbano: a diferença entre o padrão de ocupação da zona urbana e suburbana. O que era evidenciado em outras regiões de BH não se verificou na região da Floresta. O arruamento da área interna à Avenida do Contorno não considerou o traçado elaborado por Aarão Reis (BELO HORIZONTE, 2022A).

Essa ocasião, não foi exclusiva apenas da Floresta. O plano da capital, como já mencionado antes, possuía um caráter segregador desde sua elaboração pois dividia o território em zona urbana, suburbana e rural, logo, o projeto de Aarão Reis limitava o acesso dos trabalhadores da capital às regiões centrais. O documento histórico da PBH confirma que "lugares na capital que pareciam reservados exclusivamente para um tipo de atividade ou grupo social", consequentemente, tornando o projeto da cidade "altamente classista" (BELO HORIZONTE, 2005). Portanto, dessa forma, surge a Floresta, um bairro de trabalhadores, para além dos limites da cidade planejada.

Do ponto de vista territorial, a Centralidade Floresta abrange cerca de 0,35 km² e inclui os bairros Floresta e Colégio Batista, com porções situadas nas regionais Leste e Centro-Sul, sendo essa última referente às áreas próximas da Avenida do Contorno (BELO HORIZONTE, 2022A). Tal localização já impõe o papel que o bairro ocupa na malha urbana: localizado na divisa entre o centro urbano planejado e a zona leste, a Floresta funciona como um corredor de acesso a vários bairros, como o Sagrada Família, Santa Tereza, Horto, Santa Efigênia e o Centro (GÓES, 2008).

É dentro deste recorte que o plano urbanístico, elaborado pela PBH, destaca a área como a Rua Sapucaí como uma área de relevância comercial, cultural, histórica, turística e de

lazer. Descreve também como lugar simbólico, a qual reúne manifestações culturais, comércio e serviços, promovendo uma troca e conexão com a região central. O cruzamento entre as ruas Pouso Alegre, Itajubá e Curvelo, apresentam um nó viário de confluência dos bairros e os polos comerciais locais; as passarelas nas ruas Januária e Varginha; e os viadutos, que desempenham um papel importante na conexão com a área central, permitindo a travessia sobre a linha férrea (BELO HORIZONTE, 2022a). Portanto, observa-se que esses elementos tornam a centralidade da Floresta não homogênea, mas que se organiza em torno de áreas específicas, que articulam os fluxos, significados e funções distintas.

3.1 Vida Urbana, Sociabilidade e Patrimônio

A vida na Floresta durante as primeiras décadas do século XX era marcada por formas de sociabilidade, que destacavam o espaço urbano ao sentido de lugar, no modo lefebvriano do termo. A prática do *footing* na Rua Pouso Alegre e na Avenida do Contorno, os carnavais de rua, os cinemas e as praças davam ao bairro uma identidade coletiva singular.

O Cine Floresta, foi inaugurado por volta de 1915, na esquina da Pouso Alegre com a Itajubá, era descrito à época como dotado de "todas as condições de higiene e conforto", com capacidade para 750 pessoas e um bar/restaurante em anexo e era considerado o "ponto de rendez-vous da elite social" do bairro (JORNAL DO ESTADO DE MINAS, *apud* GÓES, 2008). Além disso, o bairro já teve outros cinemas durante o século XX, sendo eles: O Cine Floresta (1915-1955), o Cine Floresta Novo (1948-1980) e o Cinema Odeon (1947-1956), o que revela uma centralidade específica para a época.

Para o âmbito dos espaços de lazer, o bairro contava com praças, como por exemplo: Comendador Negrão, Zamenhof, Salvador Morici, Professor Alberto Mazzoni e do Lions Clube, além do Floresta Tênis Clube, que possuía cerca de 800 associados (GÓES, 2008). Para Lefebvre (1968), tais práticas festivas e de convívio são os principais usos da cidade: é o lócus de acumulação de experiência e construção mútua de histórias. Ou seja, uma centralidade baseada no valor de uso e não no valor de troca.

O poeta Carlos Drummond de Andrade e o memorialista Pedro Nava são exemplos de figuras ilustres que moraram na Floresta e contribuíram com sua memória afetiva. Nava, em Balão Cativo, descreve as sensações olfativas e paisagísticas da Floresta com precisão poética, evocando os cheiros das acácias, das goiabas e das chuvas nas tardes de prata (GÓES, 2008). Tal dimensão de sensibilidade e de intensidade sobre a Floresta corrobora a análise de Carlos

(2007) define como tríade habitante-identidade-lugar, na qual o significado do lugar está ligado à fundamentação e reprodução da vida.

Já do ponto de vista patrimonial, o valor histórico e arquitetônico do bairro levou ao tombamento do Conjunto Urbano do Bairro Floresta pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município, em 8 de outubro de 1996. O tombamento abrange 312 imóveis dentro do perímetro de proteção, com destaques para a construção nas avenidas Assis Chateaubriand, do Contorno e Francisco Sales, além de dezenas de outros nas ruas Pouso Alegre, Aquiles Lobo, Itajubá, Curvelo, entre outras (GÓES, 2008).

3.2 Transformações Urbanas: de um bairro operário ao centro comercial

Durante a passagem do século XX, o bairro passou por diversas transformações que deram nova perspectiva ao seu perfil socioespacial. A grande quantidade de ônibus que circulavam/circulam na região, cerca de 50 itinerários, gerou um intenso processo de poluição sonora e atmosférica, o que desencadeou a migração dos moradores e abriu espaço para a chegada de comércios (GÓES, 2008). Esse fenômeno é o que Lefebvre descreve como o processo de implosão urbana: quando a saturação do espaço central faz o espaço perder sua característica de lócus com qualidade residencial e reorganiza as funções através da lógica do capital.

Além disso, a construção dos viadutos Santa Tereza (figura 3) mapa em 1929 e Floresta (1937) foi o ponto alto para consolidar a conexão do bairro ao restante da capital mineira, principalmente, ao eliminar os cruzamentos em nível com as linhas Central do Brasil (GÓES, 2008). Esses equipamentos de infraestrutura, como teoriza Santos (1996), são os objetos técnicos que mediam as relações espaciais e contribuem para que a centralidade facilite os fluxos de circulação. Portanto, o plano urbanístico da PBH reafirma essa teoria, quando classifica os viadutos como emblemáticos por desempenharem uma função central de conexão com as áreas centrais, permitindo a travessia sobre a linha férrea (BELO HORIZONTE, 2022a).

Figura 3 - Viaduto Santa Tereza



Fonte: o autor, 2026.

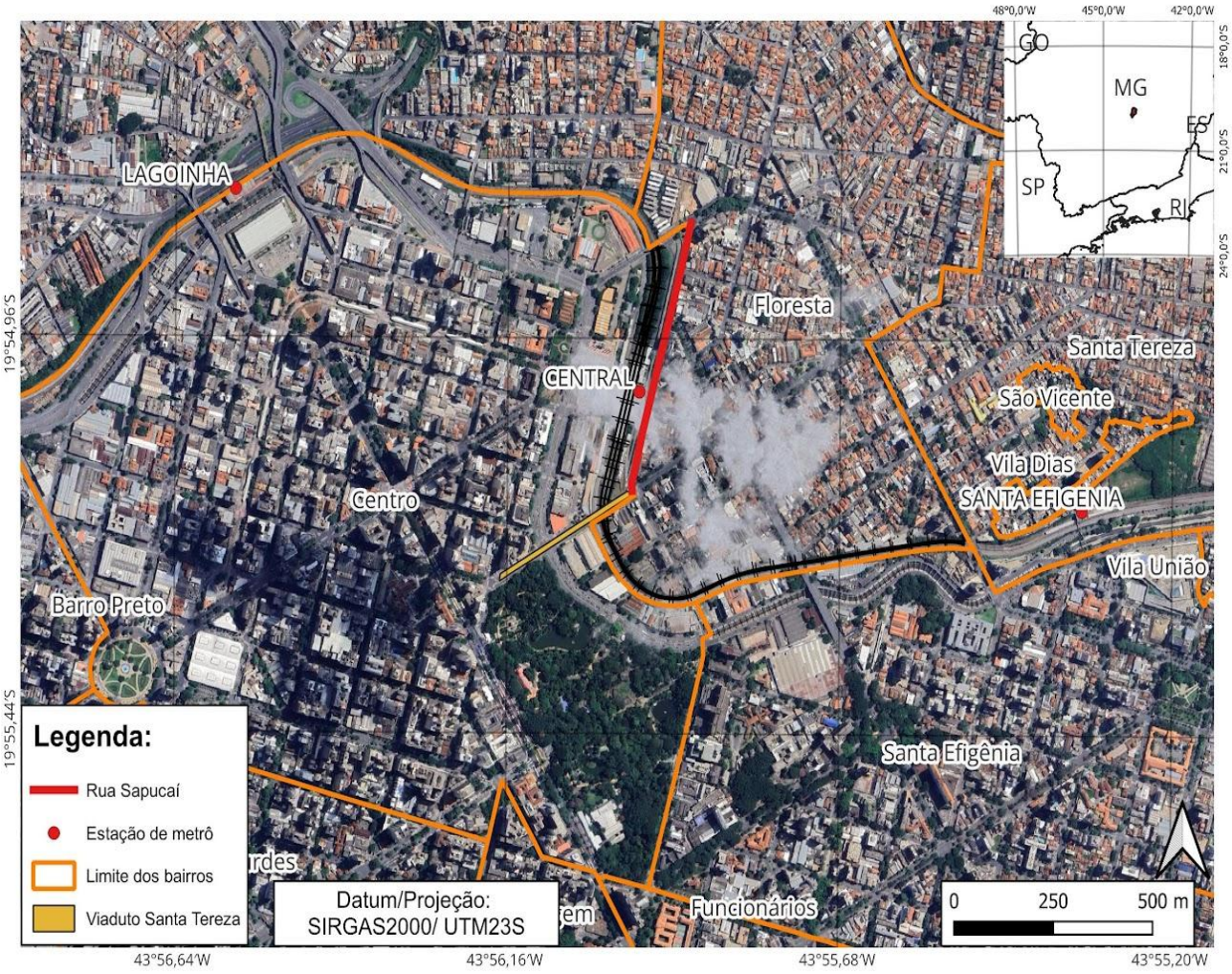
Segundo Góes (2008), o Floresta se tornou um dos mais movimentados centros comerciais de Belo Horizonte, contando com supermercados, shopping center, seis agências bancárias, faculdades e dezenas de estabelecimentos, atendendo aproximadamente 40 mil habitantes. Essa transformação de um bairro residencial para um centro comercial denso é análoga ao processo de deslocamento de centralidades, conforme identificou Cedro (2016), no próprio centro tradicional da capital, onde a saturação funcional e a valorização do solo reduziram a qualidade dos serviços e a atratividade de grupos sociais específicos.

3.2.1 Localização e morfologia

A Rua Sapucaí se localiza na divisa entre os bairros Floresta e Centro, na regional Centro-Sul de BH (figura 4). Com aproximadamente 600 metros de comprimento e 16 metros de largura, é margeada pela Avenida do Contorno, pela Assis Chateaubriand e pela Francisco

Sales, e também dá acesso à Estação Central de metrô, através de suas escadas coloridas (BELO HORIZONTE, 2022b).

Figura 4 - Mapa de localização da Rua Sapucaí



Fonte: o autor.

Sua posição, topograficamente elevada em relação ao centro, lhe dá um papel de mirante urbano noturno, com vista panorâmica para o centro de Belo Horizonte (figura 5).

‘

Figura 5 - Mirante Urbano



Fonte: o autor.

Essa posição, entre o núcleo central planejado e o bairro operário, foi essencial para entender a trajetória histórica da Sapucaí. Conforme Góes (2008), a rua era, a partir do ponto de vista de Luiz Gonzaga de Melo de 1986 em uma de suas pinturas, uma favela que teria sido retirada após a construção da capital. Tal situação, coloca a Rua Sapucaí em um padrão de periferização precoce e estrutural, conforme visto em Belo Horizonte (2005): os trabalhadores atraídos pelas obras na capital, sem direito à terra nas áreas projetadas, ocuparam encostas de vales, criando uma configuração de exclusão que acompanhou o crescimento da cidade.

A partir de um ponto de um patrimônio cultural, a Rua se insere na Zona Cultural da Praça da Estação, parte dela no Conjunto Urbano Praça Rui Barbosa e adjacências e outra parte no Conjunto Urbano do Bairro Floresta. Dessa forma, a rua é classificada como um bem cultural e urbanístico, o que resulta em uma coexistência, mesmo que de modo tensionado, com as dinâmicas da transformação e apropriação contemporâneas (BELO HORIZONTE, 2022b).

3.2.2 A trajetória espontânea: 2010-2024

A centralidade espontânea da Sapucaí, e posteriormente formalizada pela PBH pode, ser lida através do conceito de "autenticação espontânea" elaborado por Zukin (2010), onde, o processo pelo qual os espaços urbanos ganham valor simbólico e atratividade antes de quaisquer intervenções propriamente ditas, por meio da apropriação cultural, além das práticas cotidianas de grupos que buscam espaços ainda não tocados pela gentrificação. Logo, esse período de 14 anos, pode ser dividido em três fases analíticas. A primeira fase, corresponde ao período de 2010 a 2015, e é marcada pela chegada dos primeiros estabelecimentos gastronômicos e a apropriação do espaço por jovens e estudantes, que aproveitaram o baixo custo dos imóveis e a localização estratégica. Essa fase se relaciona com o que Ley (1996) chama de fase pioneira da transformação de áreas centrais degradadas.

Já a segunda fase, corresponde de 2015-2020, que é marcada pela consolidação da rua como um ponto turístico e de economia viva, principalmente de noite. Esse momento é marcado pela diversificação de estabelecimentos e o início da atenção midiática.

Por fim, a terceira fase corresponde de 2020 a 2024, quando, paralelamente à pandemia da covid-19, os proprietários se organizaram voluntariamente para ampliar as áreas de atendimento externo. Desse modo, a autogestão do espaço é identificada por Zukin (2010, p. 220) como um último momento de autenticidade antes da tomada institucional.

Portanto, a requalificação de 2024 é o momento chave dessa transição que parte do "espontâneo" para a "formalização e empreendedorismo urbano", que agora, corre o risco de gentrificação que Harvey (1989) e Craveiro (2005) já mencionaram.

3.2.3 Da situação pré-requalificação ao projeto da PBH

Durante alguns anos, algumas edificações existentes na rua Sapucaí foram abandonadas e fechadas para uso, no entanto, ao passar dos anos, essa situação foi sendo modificada pelas ocupações de lazer temporárias, substituição dos modos de usar e a realização de eventos diversos. De modo orgânico e gradual, a rua foi se tornando um ponto de encontro e turístico da cidade (BELO HORIZONTE, 2022b). Entretanto, apesar do potencial já lhe dado, a via não apresentava espaços ideais para uso dos espaços pelos visitantes e moradores.

A prefeitura realizou um diagnóstico que identificou uma configuração viária que dava privilégios aos automóveis em detrimento dos pedestres: a via era composta por passeios estreitos, duas faixas de rolamento, uma faixa de estacionamento paralelo e uma faixa de

estacionamento a 45°, com sua maior parte destinada aos veículos. Dado ao seu tamanho e com sinalização precária, os carros circulavam em alta velocidade. Nos finais de semana, em que as aglomerações de pessoas existiam para além das calçadas, geravam-se conflitos entre pedestres e motoristas (BELO HORIZONTE, 2022b). Portanto, o diagnóstico elaborado pela PBH revelou uma contradição central: A rua Sapucaí, um espaço de crescente atratividade social e cultural, com uma morfologia viária que dificultava a apropriação do espaço como lugar público.

Para Harvey (1989), esse conflito entre a vocação de lugar e lógica rodoviarista da via é a mais clara contradição entre o valor de uso e valor de troca no espaço urbano. Sendo o espaço da Sapucaí, desejado como ponto de encontro e permanência, sendo esse o valor de uso, mas sua materialidade estava organizada segundo a lógica da circulação veicular, sendo esse o valor de troca. A requalificação, nesse sentido, não nasce a partir do nada: ela é a resposta técnica e institucional a uma tensão que já existia no cotidiano da rua.

3.2.4 O Projeto de Requalificação da PBH e a consolidação da Centralidade

A centralidade espontânea da Rua Sapucaí se iniciou em meados de 2010, como polo de lazer e vida noturna, antes mesmo de qualquer intervenção do poder público. O programa de requalificação urbana promovido pela PBH teve início em junho de 2024, segundo a Câmara Municipal de Belo Horizonte. O Projeto Cura, elaborado e desenvolvido pela Diretoria de Urbanismo e Espaço Público (DUEP), propôs a implantação de uma via de pedestres nos três primeiros quarteirões da rua, entre as avenidas Assis Chateaubriand e Francisco Sales (BELO HORIZONTE, 2022b).

O projeto incluiu ainda: área de permanência, mobiliário urbano como: bancos-jardineira (Figura 6), bancos de concreto (Figura 7), jardineiras em concreto, arborização e paisagismo, arquibancada mirante, quiosques comerciais com banheiro público, gangorra e bicicletários, além da manutenção de acesso local para carros das garagens existentes e vagas para carga e descarga (BELO HORIZONTE, 2022b).

Figura 6 - Bancos-jardineira



Fonte: o autor, 2026.

Figura 7 - Bancos de concreto



Fonte: o autor, 2026.

A proposta ainda trabalhou com pedras portuguesas, concreto polido, intertravado e gramado, em uma combinação que busca equilibrar o sentido histórico com uma nova estética do espaço público contemporâneo.

Sob a ótica dos fluxos, a proposta reconfigurou a circulação de ônibus, mantendo as linhas SC01A, SC03A, 8205-8405, 8203-9104, 9210 e 9103, e redirecionou o acesso ao metrô pelos pedestres pelas ruas Tabaiares e Tapuias (BELO HORIZONTE, 2022b). Essa reconfiguração dos fluxos, por si própria, é uma mediação na hierarquia do espaço: ao dar a rua Sapucaí a via de pedestres, a PBH transformou um espaço que antes era de passagem em um de permanência.

Mesmo antes da requalificação o mapeamento elaborado durante o diagnóstico, identificou uma diversidade funcional consolidada ao longo da rua: estabelecimentos gastronômicos como o Dorsé e O Xangô na extremidade leste; o Sapucaí 499, O Mi Corazón, O Botequim Sapucaí e a Panorama Pizzaria no trecho central; além de instituições de ensino superior, como a Estácio de Sá e a Unicesumar, possuindo em torno de 11 restaurantes e bares (BELO HORIZONTE, 2022b).

No decorrer do ano, a Rua Sapucaí recebe diversos eventos culturais, como shows, peças de teatro, ensaios de bandas e danças, além de ser um dos principais pontos turísticos no Carnaval de Belo Horizonte. No Réveillon, emissoras de TV em parceria com a PBH realizam shows e queima de fogos na Praça da Estação, atraindo multidões para a Sapucaí em um evento que já se tornou tradição (BELO HORIZONTE, 2022b). No que tange à autogestão e de apropriação dos espaços pelos atores locais de empreendimento, observou-se que na pandemia da COVID-19, os próprios proprietários dos estabelecimentos se organizaram coletivamente para solicitar a ampliação da área de mesas e cadeiras, implementando um novo espaço operacional. Vale ressaltar que a pandemia ocorreu anteriormente às ações de requalificação da PBH.

3.3 A Sapucaí como Lugar: Centralidade, Sociabilidade e Contradição

Através das contribuições de Lefebvre (1968) a rua Sapucaí pode ser compreendida como um lugar de encontro e sociabilidade, espaços estes, onde se manifestam as relações que contrapõem o isolamento típico da metrópole contemporânea. Como afirma Lefebvre (1961, *apud* CARLOS, 2007, p. 54), onde a rua "torna-se o microscópio da vida moderna" quando expõe aquilo que se manteve oculto e revelando as contradições e as dinâmicas do cotidiano urbano. Portanto, a tomada de posse simbólica do espaço é efetivada, quando, ao observar pelo

mirante presente na Rua Sapucaí o olhar é lançado sobre as luzes da cidade (BELO HORIZONTE, 2022B).

Diferentemente da Pampulha, como já abordado anteriormente, na qual, a centralidade foi construída pelas ações do poder público com a finalidade de exportar uma imagem de cosmopolitismo e inovação (CEDRO, 2016), e da Savassi, que surgiu através de veículos privados como polo de consumo seletivo para grupos privilegiados (LEMOS *apud* CEDRO, 2016), a Rua Sapucaí não nasce de investimentos, sua formação em 2010 se aproxima daquilo que Ana Fani Carlos (1992) chama de "centralidades móveis": deslocamentos no espaço metropolitano que geram fluxos com base em novas formas de comércio e serviços, associadas à valorização do espaço pela concentração de investimentos.

Nesse viés, a Rua Sapucaí, se torna, simultaneamente: um produto técnico e cultural articulado às redes de comunicação, turismo e investimento, conforme a leitura de Santos (1996) sobre o meio-técnico-científico-informacional; um "fractal urbano" que atende às demandas da economia criativa e da sociabilidade pública, que combina permanência e manifestações culturais espontâneas; e um campo de disputa onde a sociedade, o Estado e o mercado produzem o espaço de forma conflituosa.

Entretanto, a Rua Sapucaí não está isenta das contradições que permeiam as lógicas urbanas. Na medida em que se consolida como polo atrativo e recebe intervenções formais de requalificação, ela surge como *point* de empreendedorismo urbano e do *citymarketing*, podendo ter sua imagem fabricada de modo intencional, para atender aos interesses das imobiliárias (CRAVEIRO, 2005). Este processo, resulta, em sua maioria, em segregação espacial e gentrificação, fenômenos esses já observados em outras centralidades que buscaram exclusividades. Harvey (1989) alerta que, ao cederem às contradições do capital, as novas centralidades tendem a gerar processos de privatização do espaço público, convertendo o valor de uso em valor de troca.

Portanto, a tensão existente entre os três pontos aqui abordados: i) a herança histórica de um bairro ocupado por operários; ii) a apropriação social espontânea na última década e; iii) intervenção estatal e mercadológica em curso é o que torna a Sapucaí um elemento chave para os estudos das novas formas de centralidade nas metrópoles brasileiras contemporâneas. Compreender a Sapucaí como uma nova centralidade é reconhecê-la como um campo permanente de disputa.

3.4 A Rua Sapucaí no contexto das novas centralidades

A Rua Sapucaí se insere como uma possível nova centralidade urbana, especificamente para atividades noturnas e de lazer. A centralização da Sapucaí se difere da Pampulha, por exemplo, por sua consolidação não estar ligada às intervenções estatais deliberadas pelo esteticismo e pela cosmopolidade. Vale ressaltar que, o programa de requalificação da Rua Sapucaí teve início em meados de 2024, segundo a Câmara Municipal de Belo Horizonte. No entanto, a centralidade espontânea da rua se iniciou em meados de 2010. A Sapucaí não nasce de um projeto urbanístico formal, muito menos por uma estrutura imaginada para a lógica do consumo sofisticado e seletivo, como ocorreu na Savassi a partir dos anos 1970.

A ratificação da Sapucaí se aproxima mais dos processos contemporâneos de produção do espaço, onde a construção de símbolos e principalmente das experiências urbanas desempenham um papel central, conforme Cedro (2016). Essa constatação, corrobora com a ideia de que as centralidades podem surgir através dos territórios existenciais, focados na permanência e nos encontros, contrapondo-se aos centros tradicionais.

Além disso, a rua se encontra em um cenário de fragmentação e diversificação das centralidades, típico da urbanização extensiva, que caracteriza a metrópole atual. Se de um lado, emergem as centralidades periféricas que possuem especializações em serviços específicos e avançados, como as Seis Pistas, ou os grandes projetos privados, como a CSul, a rua se manifesta como um "fractal urbano" que satisfaz as demandas da economia criativa e a função de sociabilidade pública. Portanto, ela combina permanência e manifestações culturais espontâneas, se aproximando do sentido lefebvriano de centralidade, como local de encontro, do inesperado e da diversidade.

No entanto, a emergência da Rua Sapucaí não está imunizada das contradições que permeiam as lógicas urbanas. Na medida que se consolida como um polo atrativo, ela também entra no radar do empreendedorismo urbano e do *citymarketing* podendo ter sua imagem "fabricada" e vendida para atender os interesses imobiliários (CRAVEIRO, 2005). Esse processo, assim como outros, pode resultar em uma segregação espacial e gentrificação, fenômenos já observados em outras centralidades que buscavam exclusividade. Dessa forma, entender a Sapucaí como nova centralidade, significa reconhecê-la como um campo de disputa, onde a sociedade, o Estado e o mercado produzem o espaço.

3.5 Quadro comparativo das centralidades belorizontinas

O quadro abaixo foi elaborado a partir dos critérios de Sposito (2004) e complementado pela ideia de autonomia social de Souza (2006) que evidencia que a Rua Sapucaí ocupa uma

posição excepcional entre as outras centralidades de BH. Diferentemente da Praça Sete e da Pampulha, que advieram de projetos estatais, e da Savassi, que nasceu do capital privado, a Sapucaí surge como a única centralidade que nasceu, predominantemente, da apropriação social espontânea. Portanto, essa especificidade é sua maior marca: a legitimidade social acumulada em 14 anos, ao mesmo tempo que, é seu maior ponto de vulnerabilidade, pois é exatamente essa autenticidade que a torna atrativa para o empreendedorismo urbano (ZUKIN, 2010; HARVEY, 1989).

Quadro 1- Comparação entre centralidades belorizontinas

Critério	Praça sete	Savassi	Pampulha	Rua Sapucaí
Origem	Planejada (Estado)	Espontânea (mercado/moradores)	Planejada (Estado)	Espontânea
Período de consolidação	Séc. XIX-1950	1970-1980	1940-1950	2010-presente
Agente produtor principal	Poder público	Capital privado e moradores	Poder público (JK)	Sociedade e PBH (2024)
Perfil de uso	Administrativo/comercial	Consumo seletivo/lazer	Simbólico/turístico	Lazer noturno + social
Abrangência	Metropolitana	Intraurbana (classes médias-alta)	Metropolitana/nacional	Intraurbana/emergente
Contradição principal	Saturação	Segregação por classe	Elitismo estético	Risco de gentrificação
Relação com valor de uso	Substituído pelo valor de troca	Parcialmente preservado	Instrumentalizado	Em disputa

Fonte: Elaborado pelo autor, 2026.

4. RUA SAPUCAÍ: UMA NOVA EXPRESSÃO DE CENTRALIDADE NOTURNA EM BELO HORIZONTE ATUALMENTE

Conforme discutido anteriormente, o trabalho de campo se tornou fundamental para o processo metodológico para o desenvolvimento da pesquisa, à medida que possibilitou a validação dos dados coletados digitalmente. A observação em campo permitiu a acurácia das informações, assim como de identificar às nuances do funcionamento do dia a dia dos estabelecimentos, como por exemplo o fluxo de frequentadores em diferentes períodos do dia e da noite e as dinâmicas do uso do espaço pelo público.

Portanto, a verificação empírica permitiu compreender a funcionalidade do setor terciário da Rua Sapucaí, podendo ser observada a diversidade e a intensidade das condições comerciais e de serviços, que operam como o principal motivo de atração dos frequentadores, principalmente no período noturno. Os dados coletados empiricamente ainda enriqueceram a interpretação qualitativa sobre o uso do espaço, sendo um dos pontos centrais para o entendimento da rua como possível centralidade noturna urbana.

4.1 Caracterização dos estabelecimentos da Rua Sapucaí

O mapeamento realizado através do Google Maps e validado em campo identificou um total de 18 estabelecimentos que estão ativos na Rua Sapucaí. Os dados foram coletados e organizados de acordo com a tabela 1 em categorias funcionais, o que permitiu a leitura de como a rua se compõem a partir da base comercial e a relação destes com a economia noturna e o lazer urbano.

Tabela 1 - Estabelecimentos por categoria, horário de funcionamento e horários de pico

Estabelecimento	Categoria	Horário de Funcionamento	Dias e Horários de Pico
Panorama Pizzaria	Boemia / Gastronomia	Seg, Qui e Dom:18h–00h / Sex e Sáb: 18h-00:15h	Sextas e sábados à noite (20h–23h)
Murê	Boemia / Gastronomia (Mirante)	Seg: 17h–23h30 / Ter a Sex: 17h–00h / Sáb: 14h–01h / Dom: 14h-21h	Sextas a partir das 19h; Sáb e Dom à tarde (16h–19h)
Mi Corazón Bar	Boemia / Lazer de calçada	Seg: 16h–23h / Ter: 16h–00h / Qua a Sáb: 16h–01h / Dom: 15h-22h	Quintas, sextas e sábados à noite (a partir das 20h)
Dejavu Head Chop	Boemia / Entretenimento	Seg: Fechado / Ter e Qua: 16h–00h / Qui a Sáb: 16h-01h / Dom: 16h-22h	Quinta a sábado no período noturno (20h–23h30)
Trip Food Sapucaí	Boemia / Gastronomia	Seg a Qui: 17h–00h / Sex: 17h–01h / Sáb: 14h–01h / 13h-23h	Sextas e sábados à noite; Domingos nos fins de tarde (17h–21h)
LUPITA	Boemia / Gastronomia	Seg: Fechado / Ter e Qua: 18h–23h / Qui: 18h–23h30 / Sex e Sáb: 18h-01h / Dom: 16h-23h	Noites de sexta-feira e sábado
Xangô	Boemia / Cultura e Lazer	Seg: 18h–00h / Ter: Fechado / Qua e Qui: 18h–23h / Sex e Sáb: 17h-01:30h / Dom: 12h-23h	Sáb e Dom à tarde (a partir das 14h); Sextas à noite
Route 277	Boemia e /Gastronomia rápida	Seg: Fechado / Ter a Sex: 18h–00h / Sáb: 17h–00h / Dom: 13h-22h	Sexta à noite; Domingo ao longo da tarde
Dorsé	Gastronomia / Boemia (Híbrido)	Seg: Fechado / Ter a Sex: 11h30–00h / Sáb: 12h–00h / Dom 12h-17h	Almoço (Sex–Dom); Fluxo noturno (Qui–Sáb)
Casa Sapucaí	Espaço Cultural	Seg, Ter, Qua, Sex, Sab e Dom: 16h (os horários de encerramento variam)	Finais de semana — fim de tarde e início da noite (17h–21h)
Botequim Sapucaí	Boemia / Gastronomia tradicional	Seg: Fechado / Ter a Qui: 16h–23h30 / Sex e Sáb: 16h–00h / Dom: 11h-20h	Sexta à noite; Sábado à tarde e noite
Cervejaria Vinil	Distribuição e eventos	Operação interna integrada ao grupo local	Fluxo intermitente conforme demandas e eventos da via

Mercearia Tabaiares	Comercial / *Happy Hour* local	Seg e Dom: Fechado / Ter: 11h–17h / Qua: 11:30-17h / Qui e Sex: 11h-22h / Sáb: 12h-18h	Quintas e sextas — fim de tarde (*happy hour* 17h–20h)
AeC – BH Estação	Corporativo / Grandes Serviços	24 horas	Trocas de turno (Seg–Sáb): ~06h, ~14h e ~22h
Estácio Floresta	Institucional / Educacional	Seg a Sex: 09h–21h / Sáb: 08h–12h / Dom: Fechado	Seg a Sex — período noturno (18h30–21h)
UniCesumar BH	Institucional / Educacional	Seg a Sex: 08h30–22h30 / Sáb: 08h–12h / Dom: Fechado	Dias úteis — período noturno (18h30–22h)
CM Odontologia	Comercial / Serviço de Saúde	Seg a Sex: 09h–18h / Sáb: 09h–13h / Dom: Fechado	Horário comercial — início da manhã e meio da tarde
Motel Sapucahy	Serviço / Hospedagem	24 horas	Contínuo, com intensificação noturna e finais de semana

Fonte: Google Maps e pesquisa de campo (maio de 2026).

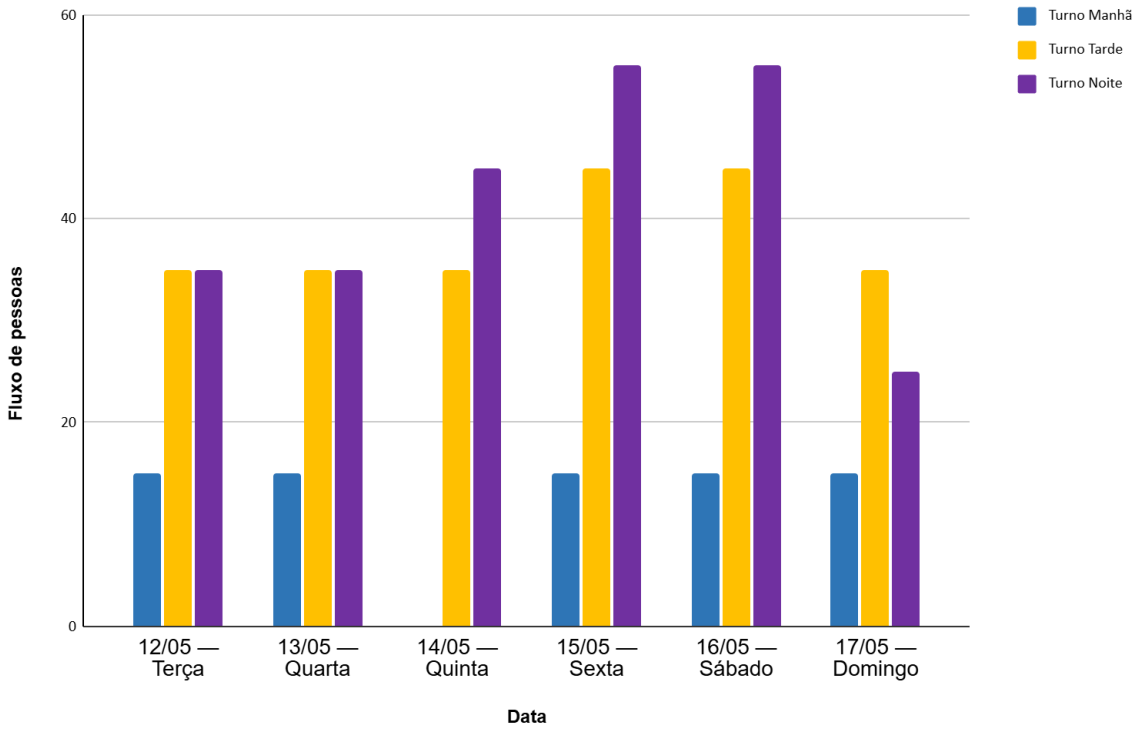
A predominância de bares e restaurantes representa 50 % do total levantado, correspondendo à maior parcela de estabelecimentos com 9 no total. Tal fato confirma a tendência da rua como polo gastronômico e lazer. Posteriormente, estão os estabelecimentos de serviços, como as universidades e os comércios de conveniência, que também atuam na funcionalidade da rua, porém, possuem horários de funcionamento focados nos períodos diurnos e vespertinos.

Por sua vez, os espaços de cultura e entretenimento, como espaços multiusos e casas de show/boates, como a Casa Sapucaí, existem em menores números, mas ainda têm um papel fundamental na centralidade noturna ao atrair fluxos em horários específicos, reforçando a rua como espaço de encontro na cidade. Logo, os dados trazem a confirmação do que Chatterton e Hollands (2003) definem como uma marca de um espaço noturno alternativo, onde coexistem pequenos negócios independentes e de um perfil cultural diverso, ambos, ainda restrita a grupos específicos, sem alcançar uma apropriação mais ampla do espaço. Portanto, a requalificação da PBH chega, não como um campo de partida, mas sim, em uma base comercial já consolidada.

4.2 Variação do fluxo de pessoas

O gráfico abaixo mostra a contagem do fluxo de pessoas observados nos três turnos durante seis dias na semana (terça a domingo), cabe ressaltar que na segunda-feira não foi incluída na pesquisa por ser um dia menos movimentado para o consumo, além disso, esse dia não foi incluído por corresponder ao deslocamento do pesquisador até a capital. A variação registrada mostra com clareza as diferenças na quantidade de pessoas: no período diurno o movimento era em sua maioria de possíveis moradores da rua e seus entornos e de trabalhadores que usavam a conexão da rua com a estação central de metrô. Por sua vez, no período vespertino o fluxo crescia de forma gradual, principalmente dos estudantes das instituições de ensino da rua. Por fim, de noite, especialmente entre quinta e sábado, o fluxo cresce exponencialmente, dando ênfase ao caráter de centralidade noturna.

Gráfico 1 – Fluxo de pessoas por dia e turno



Fonte: Pesquisa de campo (maio de 2026), elaboração própria.

Esses dados revelam com clareza a dualidade existente no lócus, que Lefebvre (1992) identificou como parte da construção do espaço urbano, onde, ritmos distintos produzem diferenciações dentro de um mesmo trecho do espaço. Neste sentido, a Rua Sapucaí no período matutino e a Rua Sapucaí no período noturno são, do ponto de vista dos fluxos observados, dois lugares distintos.

4.3 As formas de uso do espaço público

A partir da leitura dos dados, foi possível observar a progressão clara das formas de uso diante dos três turnos observados: pela manhã, a circulação foi predominante, pela tarde, a pausa e o descanso, mesmo que breve foram notados e durante a noite a permanência prolongada foi mensurada e motivadas pelo lazer e pelo consumo nos bares e restaurantes. Essas formas de uso não são casuais, elas são o resultado da relação entre a vocação comercial e as transformações físicas realizadas após a requalificação, que criou condições favoráveis à permanência.

Quadro 2 - Formas de uso do espaço por dia e turno

Data	Turno	Circulação	Permanência	Lazer	Consumo	Carga e descarga	Evento cultural
12/05	Manhã	✓	-	✓	-	✓	-
12/05	Tarde	✓	✓	✓	✓	-	-
12/05	Noite	✓	✓	✓	✓	-	-
13/05	Manhã	✓	-	-	-	✓	-
13/05	Tarde	✓	✓	✓	✓	-	-
13/05	Noite	✓	✓	✓	✓	-	-
14/05	Manhã	n/m	n/m	n/m	n/m	n/m	n/m
14/05	Tarde	✓	-	-	✓	✓	-
14/05	Noite	✓	✓	✓	✓	-	✓
15/05	Manhã	✓	-	-	✓	✓	-
15/05	Tarde	✓	✓	✓	✓	-	-
15/05	Noite	✓	✓	✓	✓	-	✓
16/05	Manhã	✓	-	-	-	✓	-
16/05	Tarde	✓	-	✓	✓	-	✓
16/05	Noite	✓	✓	✓	✓	-	✓
17/05	Manhã	✓	-	-	-	✓	-
17/05	Tarde	✓	-	-	-	-	✓
17/05	Noite	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: Pesquisa de campo (12 a 17 de maio de 2026), elaboração própria.
Legenda: ✓ Observado | - Não observado | n/m Turno não monitorado

A predominância noturna do lazer e do consumo, confirma a transição descrita por Roberts e Eldridge (2009), ao analisar as consequências das requalificações sobre os espaços noturnos: ao introduzir um padrão de mobiliário e uma nova estética ao espaço público, a intervenção pode efetivar e consolidar os usos já existentes, da mesma forma que os coloca em uma lógica mais regulada. Na Rua Sapucaí, essa transição é expressada pela permanência organizada e visível de pessoas, em contrapartida, ocorre risco do afastamento dos usos espontâneos que deram à rua o seu simbolismo antes das intervenções da PBH.

4.4 Perfil, interações e tempo de permanência do público observado

Os dados sistematizados acerca do perfil do público, destacam de forma exponencial a grande quantidade de jovens na Rua Sapucaí, principalmente no período noturno, com faixa etária entre 20 e 35 anos, permanecendo em grupo de amigos ou em casais. No final

de semana, a diversidade etária se tornou mais visível, observada, principalmente pela presença de família e de pessoas idosas. Por sua vez, a diversidade racial não se fez tão presente no período observado, onde a maioria do público era de pessoas brancas e a minoria, de pessoas negras ou pardas.

Quadro 3 - Perfil do público por dia e turno

Data	Dia	Turno	Grupo de amigos	Casais	Pessoas sozinhas	Div. etária	Div. racial
12/05	Terça	Manhã	-	-	✓	✓	✓
12/05	Terça	Tarde	✓	✓	✓	✓	✓
12/05	Terça	Noite	✓	✓	-	-	✓
13/05	Quarta	Manhã	-	✓	✓	-	-
13/05	Quarta	Tarde	✓	✓	✓	✓	✓
13/05	Quarta	Noite	✓	✓	✓	-	✓
14/05	Quinta	Manhã	n/m	n/m	n/m	n/m	n/m
14/05	Quinta	Tarde	-	-	✓	-	✓
14/05	Quinta	Noite	✓	✓	✓	✓	✓
15/05	Sexta	Manhã	✓	-	✓	-	✓
15/05	Sexta	Tarde	✓	✓	✓	✓	✓
15/05	Sexta	Noite	✓	✓	✓	-	✓
16/05	Sábado	Manhã	-	-	✓	✓	-
16/05	Sábado	Tarde	✓	✓	✓	-	-
16/05	Sábado	Noite	✓	✓	✓	-	✓
17/05	Domingo	Manhã	-	-	✓	✓	-
17/05	Domingo	Tarde	✓	-	✓	-	-
17/05	Domingo	Noite	✓	✓	✓	-	✓

Fonte: Pesquisa de campo (12 a 17 de maio de 2026), elaboração própria.
Legenda: ✓ Observado | - Não observado | n/m Turno não monitorado

É a partir das leituras dos dados que o recorte do grupo, mesmo que não homogêneo, já demonstra uma seletividade social que merece ser analisada. Souza (2006) e destaca que a gentrificação no Brasil se constitui pela transformação dos padrões de uso do espaço público e opera com a substituição de práticas antes populares, por agora, práticas seletivas. Apesar disso,

os dados não permitem afirmar que essa transformação já está acontecendo na rua Sapucaí, mas indicam que pode estar no início.

As interações observadas foram em sua predominância coletivas e espontâneas, havendo: grupos em conversa, consumo compartilhado, uso da arquibancada como ponto de encontro. Houve também música ao vivo em alguns estabelecimentos. No período observado não houve nenhuma situação de conflito ou exclusão do uso do espaço.

Quadro 4 - Interações sociais por turnos

Data	Turno	Conversas	Consumo coletivo	Ponto de encontro	Dança	Música
12/05	Manhã	✓	-	-	-	-
12/05	Tarde	✓	✓	✓	-	-
12/05	Noite	✓	✓	✓	-	-
13/05	Manhã	✓	-	-	-	-
13/05	Tarde	✓	✓	✓	✓	-
13/05	Noite	✓	✓	✓	-	-
14/05	Manhã	n/m	n/m	n/m	n/m	n/m
14/05	Tarde	✓	-	✓	-	-
14/05	Noite	✓	✓	✓	✓	✓
15/05	Manhã	✓	✓	✓	-	-
15/05	Tarde	✓	✓	✓	✓	-
15/05	Noite	✓	✓	✓	✓	✓
16/05	Manhã	✓	-	-	-	-
16/05	Tarde	✓	✓	✓	-	-
16/05	Noite	✓	✓	✓	✓	✓
17/05	Manhã	-	-	✓	-	-
17/05	Tarde	✓	-	✓	-	-
17/05	Noite	✓	-	✓	-	-

Fonte: Pesquisa de campo (12 a 17 de maio de 2026), elaboração própria.
Legenda: ✓ Observado | - Não observado | n/m Turno não monitorado

A partir das interações observadas, percebe-se que a Rua Sapucaí funciona, como o que Straw (1991) caracterizou como cena urbana: um conjunto de práticas culturais de socialização que se manifesta em um certo lócus, construindo assim uma identidade de lugar reconhecível. A identidade da Sapucaí, por sua vez; não foi criada pela requalificação, essa, por sua vez, apenas forneceu uma forma física mais permanente.

O tempo de permanência do público apresentou uma grande variação. No turno da manhã, o público transitava pela rua sem que parassem ou demonstrassem intenção. Durante a tarde, pequenas pausas para o descanso foram observadas, e, em sua maioria por estudantes, dado o uso de uniformes. Já durante a noite, o tempo de permanência foi bem maior comparado aos demais turnos, com grupos ocupando as mesas disponíveis nas áreas externas e na arquibancada-mirante, esse tempo de permanência durante a noite, em muitos casos, ultrapassava uma hora. Os dados se encontram no quadro abaixo.

Tabela 2 - Tempo de permanência médio

Data / Dia	Turno	Categoria
12/05 - Terça	Manhã	Menos de 10 min
12/05 - Terça	Tarde	Mais de 1 hora
12/05 - Terça	Noite	Mais de 1 hora
13/05 - Quarta	Manhã	Menos de 10 min
13/05 - Quarta	Tarde	Mais de 1 hora
13/05 - Quarta	Noite	Mais de 1 hora
14/05 - Quinta	Manhã	Turno não monitorado
14/05 - Quinta	Tarde	30 a 60 min
14/05 - Quinta	Noite	Mais de 1 hora
15/05 - Sexta	Manhã	Menos de 10 min
15/05 - Sexta	Tarde	Mais de 1 hora
15/05 - Sexta	Noite	Mais de 1 hora
16/05 - Sábado	Manhã	Menos de 10 min
16/05 - Sábado	Tarde	Mais de 1 hora
16/05 - Sábado	Noite	Mais de 1 hora
17/05 - Domingo	Manhã	Menos de 10 min
17/05 - Domingo	Tarde	Mais de 1 hora
17/05 - Domingo	Noite	30 a 60 min

Fonte: Pesquisa de campo (12 a 17 de maio de 2026), elaboração própria.

Essa permanência prolongada é um indicador da qualidade do espaço público e ao mesmo tempo o próprio gerador da centralidade. Este cenário pode ser confirmado, ao analisar o surgimento da centralidade da Savassi, que, se consolidou como ponto de lazer ao ser frequentada sem um propósito específico, um lugar apenas para estar. Portanto, os dados referentes à permanência demonstram que essa configuração já está ocorrendo na Rua Sapucaí, reforçando novamente, seu papel de centralidade emergente.

4.5 Leitura interpretativa dos dados: centralidade e seletividade socioespacial

A análise dos dados coletados em campo possibilita responder de forma favorável à principal questão deste trabalho: a Rua Sapucaí atualmente é uma centralidade noturna solidificada no contexto belorizontino. O grande volume de fluxo registrado nos períodos noturnos, a diversidade dos usos do espaço público, o tempo de permanência e a heterogeneidade das interações sociais são as evidências, que, vistas sob um quadro analítico, fornecem ao espaço a uma complexidade socioespacial que atravessa o eixo comercial.

Além disso, os dados ainda permitem dar a ela a sua natureza específica. O uso da Sapucaí não se configura acerca do consumo utilitário, como em centros com grande número de lojas, onde os fluxos acessam, adquirem e saem. No caso da Rua Sapucaí, o consumo é o motivo da permanência e do encontro. Essa distinção entre os dois modos tem uma relevância analítica fundamental, pois é ela quem caracteriza a centralidade de lazer de um polo comercial comum. Logo a rua exerce um poder atrativo sobre o público através do desejo de estar nela, e não apenas passar por ela.

A leitura superficial dos dados coletados em campo poderia implicar uma interpretação equivocada do cenário atual da rua referente a requalificação promovida pela PBH em 2024. A intervenção atuou como um modo de amplificar e formalizar a centralidade que já estava consolidada no contexto urbano e nas práticas cotidianas desde 2010. O projeto Cura resolveu o maior dos problemas que circundavam a rua Sapucaí: o conflito existente entre veículos e pedestres, mas não transformou a rua em uma centralidade, pois ela já estava empiricamente constituída. Essa percepção traz diversas interpretações importantes para a leitura deste trabalho. O poder público, ao intervir em um espaço dotado de simbolismo, legitimidade social e de surgimento espontâneo, afeta para além da questão estrutural e também incorpora de modo simultâneo a apropriação e o simbolismo antes já existente. Zukin (2010) observou o mesmo mecanismo em contextos urbanos dos EUA e o caracterizou como uma apropriação institucional da autenticidade. Na rua Sapucaí, o processo ainda está em curso e de uma forma bem visível: a PBH institucionaliza a imagem da rua cuja formação foi construída pelos cidadãos e a usa de instrumento, como por exemplo, uma vitrine da modernidade urbana.

Ao analisar os dados de modo criterioso e relacionar com a base teórica, foi possível perceber um padrão. A predominância de pessoas brancas em relação aos pretos e pardos, principalmente, nos horários de maior fluxo, mostra que os dados não são socialmente neutros. Esses padrões quadro apontam que, mesmo com a ausência de sistemas evidentes de exclusão, o processo de valorização simbólica e material da rua acarreta efeitos observáveis de

seletividade social. Esse mesmo padrão já fora observado em outras centralidades de BH. A Pampulha e a Savassi, durante seus processos de consolidação, foram de modo progressivo, se tornando espaços de consumo e de segmentos sociais específicos, derivados da adequação cultural e financeira.

O conceito de *rent gap*, formulado por Smith (1996), leva exatamente nesta direção em que, à medida que o espaço torna-se mais valorizado, os estabelecimentos mais acessíveis tendem a ser substituídos por outros com valor mais elevado, reconfigurando assim, o perfil do público que reconhece e se sente socialmente aceito para estar no lócus.

A rua Sapucaí ainda não alcançou essa etapa de consolidação seletiva, mas ao analisar os dados, percebe-se que está no processo desta trajetória. Nas noites de sexta-feira há uma maior diversidade etária, esses dados evidenciam um padrão sociológico, diferentemente dos padrões homogêneos registrados aos sábados, quando o fluxo é bem mais intenso e os preços tendem a serem mais altos. Essa variação semanal e interna da rua, corrobora com o valor de uso e valor de troca, elaborado por Lefebvre (1991), quando o valor de troca predomina em relação ao valor de uso, altera de forma silenciosa o perfil de quem a consome, sendo assim, a alteração de preços e a diferença de público predominante é uma das características mais relevantes para a construção deste processo de seletividade.

4.6 Leitura através da dimensão digital: recurso analítico e a transformação

A partir das análises das plataformas digitais, ficou evidente que a Rua Sapucaí possui uma notória presença online, com destaque para o mirante noturno, sendo esse o elemento que mais aparece nas postagens no Instagram, seja com registros fotográficos em postagens ou em *"reels"*, vídeos curtos mostram o polo gastronômico da rua e seus eventos culturais. Além disso, há uma forte divulgação de atividades culturais na Rua, como exemplificado pela captura de tela (Figura 8), que mistura batalhas de rima com apresentações de artistas locais. Além disso, há uma organização social para o movimento de dança "baile charme", que possui suas raízes associadas à cultura negra urbana, e mistura moda, dança e música. Ambos os eventos culturais acontecem, em sua maioria, debaixo do viaduto Santa Tereza. Isso confirma o papel da Rua como um local de manifestações sociais que deu início em meados de 2014. Ademais, há um número expressivo de perfis de divulgação de eventos e espaços atrativos em Belo Horizonte (Figura 9), isso corrobora com o simbolismo do espaço nas redes e o conceito de vitrine para Zukin (1995).

Figura 8 - Captura de tela (batalha de rima)

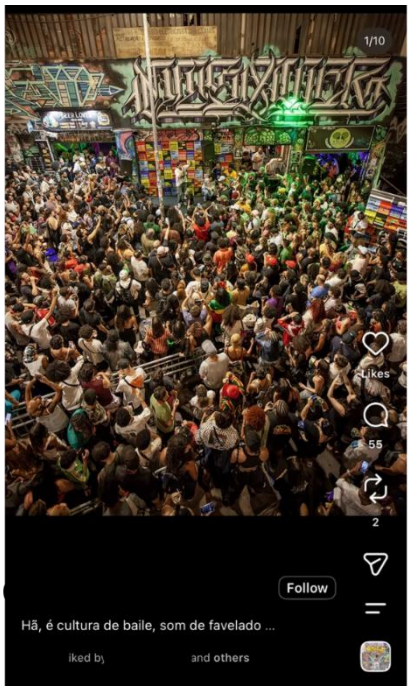


Figura 9 - Captura de tela (divulgação)

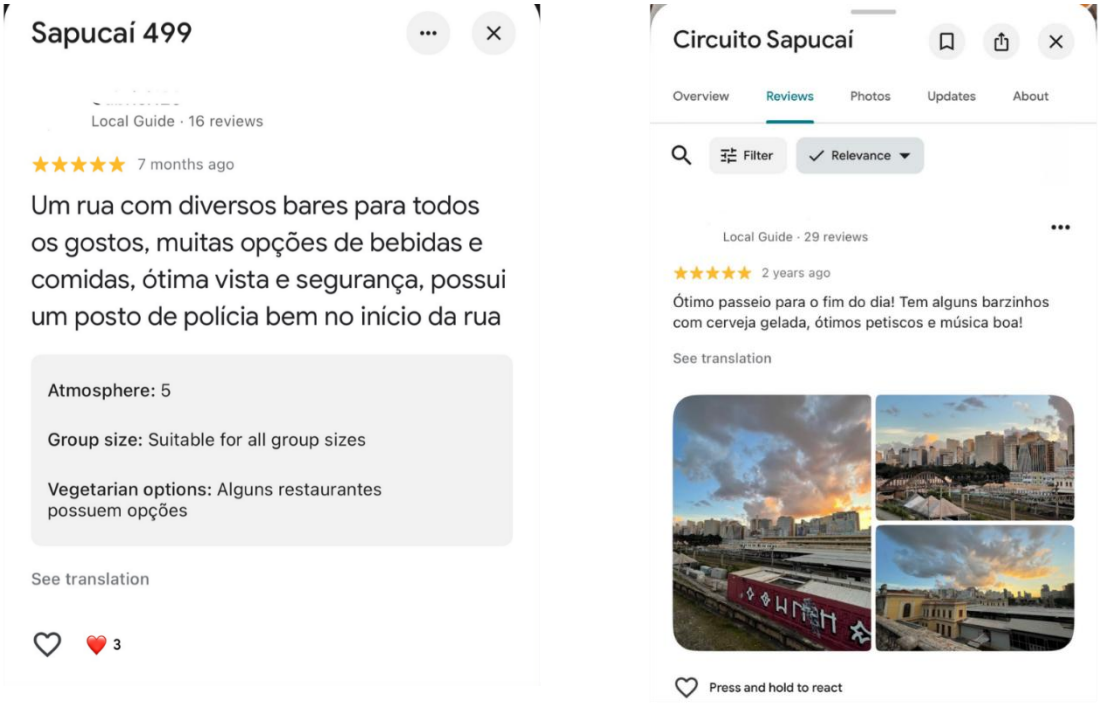


Fonte: Instagram, 2026.

As avaliações coletadas pelas capturas de telas via Google Mapas evidenciam a imagem da Rua Sapucaí como polo gastronômico (Figura 10). Dos estabelecimentos mapeados, 17 possuem avaliações disponíveis na plataforma, entretanto, esse indicador não se distribui de forma homogênea, dado que, as maiores quantidades de avaliações se encontram nos estabelecimentos classificados como boemia e gastronomia, que são a maioria dos estabelecimentos da rua. Além disso, há avaliações para a rua de modo singular, sem que haja conexão com quaisquer estabelecimentos. No Google Mapas é possível encontrar uma localidade denominada “Circuito Sapucaí”, onde existem imagens e informações sobre a rua, além de avaliações de usuários (Figura 11).

Figura 10 - Captura de tela (avaliação Sapucaí 499)

Figura 11 - Captura de tela (avaliação Circuito Sapucaí)



Fonte: Google Mapas (2026).

Esse dado não existe de forma somente ilustrativa, ele mostra que a rua é uma vitrine da cidade de Belo Horizonte, do ponto de vista de Zukin (1995) é um cenário construído pensado para projetar uma cidade ligada ao consumo e turismo. Neste cenário, o problema remete ao que Debord (1997) formula sobre a representação do espaço que adquire autonomia em relação às demais práticas que a originaram, posteriormente, ela passa a orientar as próprias práticas.

A rua Sapucaí, agora como produto que circula nas redes sociais, pode gerar expectativas que moldam quem as frequenta e o que consomem, funcionando como um ciclo, onde a visibilidade atrai novos visitantes, consequentemente aumentando o fluxo e a pressão comercial, que por sua vez configura o perfil social da rua. Este processo, mesmo que silencioso, é o mais eficaz quando se trata de gentrificação, pois opera por meio do anseio e da adesão voluntária e não da coerção ou da remoção direta, dificultando à percepção deste processo de exclusão. Além disso, esse processo articula com o que Smith (1996) denomina como "*rent gap*", ao antecipar e sinalizar a valorização do espaço, mesmo que simbolicamente, e abre precedentes para a chegada de investimentos mais formais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa partiu da indagação sobre a consolidação da Rua Sapucaí como uma possível nova centralidade noturna em Belo Horizonte e como a requalificação promovida pela prefeitura de BH contribuiu neste processo. As respostas obtidas através dos dados empíricos, juntamente com os dados teóricos evidenciam, algo que é claro: a centralidade não foi criada pela requalificação, porém o poder público a amplificou, formalizou e a submeteu a novos processos urbanos e de transformações espaciais.

A trajetória de análise deste trabalho revelou que a Sapucaí está em uma posição única no conjunto de centralidades belorizontinas. A rua Sapucaí se constitui pelo uso, pelas passagens cotidianas e práticas de lazer, pelo consumo e pela permanência, essas ações ao longo de uma década foram transformando um espaço periférico em um dos pontos mais badalados da noite belorizontina.

Esse surgimento com base na existência e no uso social é ao mesmo tempo o maior ponto positivo e negativo da rua Sapucaí. A singularidade construída pelos frequentadores desde meados de 2010 é o elemento que atrai novos visitantes, investidores e ações do poder público. Paradoxalmente, o poder público, ao administrar a imagem da rua como uma vitrine a coloca em risco, quando a valorização fundiária do entorno afeta sucessivamente os estabelecimentos e o público que a tornaram centralidade. Os dados coletados no campo mostram que a transformação já está ocorrendo. O perfil sociodemográfico analisado, a tipologia dos estabelecimentos e o modo como a imagem da rua é passada nas redes sociais, evidenciam que a rua ainda possui e preserva os traços de diversidade socioespacial de sua origem, no entanto, avança, mesmo que de forma gradual, para um processo de seletividade social já vista antes na Savassi. Entretanto, a velocidade e intensidade deste processo pode depender, de certa forma, das decisões da PBH e dos agentes privados nos próximos anos, além da capacidade dos frequentadores de resistir à homogeneização dos espaços.

Ao retomar a justificativa deste trabalho, percebe-se que o mapeamento digital e os dados históricos forneciam apenas um panorama estrutural da Rua Sapucaí, por exemplo: o que existe e como/quando funciona, no entanto não respondiam às perguntas fundamentais para se compreender a centralidade enquanto vivência. Portanto, para além dos dados coletados em campo com auxílio da ficha de observação, foram observadas experiências que merecem ser destacadas.

Como ilustração da dimensão simbólica da rua e sua importância para seus frequentadores, observou-se um casal que registrava fotografias de casamento em um dos trechos da rua, e, quando questionados por um trabalhador de um dos bares sobre o motivo da escolha, relataram que ali foi o lugar onde se conheceram, em 2022. Esse tipo de situação pode

ser normal para quem vive o cotidiano da rua, mas para pesquisadores, revela que a Sapucaí não é apenas um espaço de consumo noturno, como também um lugar de memórias afetivas, de pertencimento, onde, trajetórias se cruzam com a própria trajetória da rua.

Tal vivência em campo também possibilitou observar algo que os dados digitais, sozinhos, dificilmente transmitem: a imagem e a energia cosmopolita que a Sapucaí exala em suas noites agitadas. A diversidade de sotaques, culturas e estilos que circulam simultaneamente pela rua, juntamente com a estética dos bares e os *flashes* das fotografias dão essa atmosfera cosmopolita, é, de certa forma, uma das consequências da requalificação, que opera com os objetivos simbólicos: conectar a imagem de Belo Horizonte com uma imagem de uma capital que possui um repertório estético e cultural. Essa análise empírica relaciona-se com o que a literatura já demonstrava: a centralidade, discutida por Santos (1993), não é apenas sobre concentração funcional, mas se constrói principalmente pelos fluxos e pelas vivências do dia a dia. Essas dinâmicas só podem ser entendidas com o corpo presente no espaço.

Do ponto de vista da metodologia, a combinação entre o mapeamento digital, observação feita em campo e a análise digital demonstrou-se muito eficaz para a realização do estudo da centralidade. A observação sistematizada entre dias e turnos permitiu a comparação dos fluxos, a análise digital, por sua vez, mostrou o caráter simbólico que só a observação em campo não consegue observar. Portanto, essa conexão entre as metodologias de registro empírico e à mediação digital se configura como uma chave para estudos urbanos futuros.

Apesar dos resultados, essa pesquisa possui limitações que devem ser evidenciadas. Observar a rua no período de uma semana não contempla sua totalidade, podendo existir variações a depender da época do ano, como no carnaval e no réveillon, que possuem grande número de pessoas. A ausência de entrevistas com pessoas que frequentam, trabalham ou moram nos arredores é significativa, pois, com o relato dessas pessoas poderia-se ter mais resultados acerca do simbolismo da rua. Ademais, a requalificação iniciada em 2024 ainda é recente e seus efeitos podem demorar alguns anos para serem notados.

Dadas as circunstâncias, é sugerido que novas investigações façam esse acompanhamento da rua Sapucaí, comparando os perfis dos estabelecimentos, os valores do solo urbano e a composição social. Além disso, incorporar as vozes dos moradores do bairro Floresta, os quais herdaram o legado de um bairro operário que passou por diversas transformações até se tornar como se conhece atualmente.

Do ponto de vista acerca das contribuições acadêmicas, este trabalho se encontra em um campo pouco explorado pela geografia urbana brasileira: centralidades noturnas. Ao se relacionar com os clássicos da produção do espaço (LEFEBVRE, 1968; CORRÊA, 1995;

SANTOS, 1993), com autores que trabalham com o enobrecimento e a transformação das cidades em espetáculos (Harvey; Zukin; Smith; Debord), o trabalho fornece um modelo metodológico replicável. Ao combinar mapeamento digital, observação sistematizada em campo e análises digitais, o trabalho ultrapassa os limites de uma centralidade e pode ser usado como base em outras pesquisas semelhantes em outras localidades das grandes cidades brasileiras. Nesse ponto de vista, a presente pesquisa se configura como um ponto de partida acerca das novas centralidades emergentes, principalmente noturnas, se distanciando dos estudos existentes em números expressivos sobre centralidades tradicionais.

A Rua Sapucaí, portanto, constitui-se, atualmente, em um espaço de disputa entre o espontâneo e o planejado, entre o valor de uso e o valor de troca, entre a diversidade de quem a fez surgir e a seletividade de quem a substitui. Entender essas disputas é entender como os mecanismos das cidades brasileiras contemporâneas criam, produzem, reproduzem e destroem seus lugares de encontro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renan Pereira; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo; AMARAL, Pedro Vasconcelos Maia do. Implosão e explosão na Exópolis: evidências a partir do mercado imobiliário da RMBH. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 323-350, maio-ago. 2017.

AMADIO, Décio. Alguma coisa acontece... uma investigação sobre o centro de São Paulo. 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANTHROPIC. Claude (versão Sonnet 4.6). Ferramenta de inteligência artificial. San Francisco: Anthropic, 2024. Disponível em: https://www.claude.ai. Acesso em: 2026.

BASTOS, A.; QUEIROZ, D. C. de; MEZA, M. L. F. G. de; POLLI, S. A. Reabilitação urbana em áreas centrais: caso da Rua XV de Novembro. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 8237–8245, jan. 2021.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Ap IV – Síntese da história de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2005. Documento histórico institucional.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Política Urbana. Diretoria de Urbanismo e Espaço Público. Centralidade Floresta: plano de ação urbanística. Belo Horizonte: PBH/SMPU/DUEP, 2022a. Documento técnico institucional.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Política Urbana. Diretoria de Urbanismo e Espaço Público. Rua Sapucaí: estudo de requalificação urbana – Projeto Cura. Coordenação: João Antônio Fleury Teixeira; José Júlio Rodrigues Vieira; Laila Faria de Oliveira; Marcelo Duarte Borges Caixeta. Equipe técnica: Ana Cecília de Sousa Ramos Barros et al. Belo Horizonte: PBH/SMPU/DUEP, dez. 2022b. Apresentação pública submetida à consulta popular.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. São Paulo: Contexto, 1992.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH/USP, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEDRO, Marcelo. Praça Sete, Pampulha e Savassi: centralidades urbanas e modernidade periférica na cidade de Belo Horizonte. São Paulo: Annablume, 2016.

CHATTERTON, Paul; HOLLANDS, Robert. Urban Nightscapes: Youth Cultures, Pleasure Spaces and Corporate Power. Londres: Routledge, 2003.

CHIQUITO, Elisângela de Almeida; COSTA, Heloisa Soares de Moura; FERNANDES, Edésio (orgs.). RMBH 50 anos: história e memória: planejamento metropolitano a partir do Plambel. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CRAVEIRO, Caroline. A produção do espaço das Seis Pistas como nova centralidade periférica no espaço metropolitano belo-horizontino. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 68-77, 2005.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL RIO, Vicente. Desenho Urbano e Revitalização na Área Portuária do Rio de Janeiro: A Contribuição do Estudo da Percepção Ambiental. 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE REABILITAÇÃO URBANA, 1., 1995, Lisboa. Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada. Lisboa: [s. n.], 1995.

GARCIAS, Carlos Mello; AFONSO, Jorge Augusto Callado. Revitalização de rios urbanos. Revista Eletrônica de Gestão e Tecnologias Ambientais (GESTA), v. 1, n. 1, p. 131-144, 2013.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GÓES, Luis. Bairro Floresta: história e toponímia. Belo Horizonte, 2008.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1989.

LEES, Loretta; SLATER, Tom; WYLY, Elvin. Gentrification. Nova York: Routledge, 2008.

LEFEBVRE, Henri. A Cidade do Capital. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001b.

LEFEBVRE, Henri. Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life. Londres: Continuum, 1992.

LEMOS, Celina Borges. A consolidação da Savassi como uma centralidade belo-horizontina: suas contradições e dinâmicas no contexto da cultura do consumo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

LEMOS, Celina Borges. A presença do Palacete Borges da Costa e o seu significado na história de Belo Horizonte. In: TAVARES, Rogério; PRATA, Nair (org.). *Academia Mineira de Letras: edição especial: 110 anos da instituição*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2020. p. 100-116.

LEY, David. The New Middle Class and the Remaking of the Central City. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MACEDO, Silvio S. Quadro do paisagismo no Brasil. São Paulo: Coleção Quapá, 1999.

MELLO, Fernanda Lima Bandeira de; TONUCCI FILHO, João B. M. Suburbanização e novas centralidades da metrópole contemporânea: o projeto Centralidade Sul (CSul) na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (ENANPUR), 20., 2023, Belém. Anais... Belém: ANPUR, 2023.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. What is the urban in the contemporary world? In: BRENNER, N.; SCHMIDT, C. (eds.). Implosions/Explosions: Towards a Study of Planetary Urbanization. Berlim: Jovis, 2014.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006. (Texto para discussão, n. 281).

PASQUOTTO, G. B. Renovação, revitalização e reabilitação: reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas. Revista Complexus, Salto, ano 1, n. 2, p. 143-149, set. 2010.

PEIXOTO, Paulo. Requalificação urbana. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (orgs.). Plural de cidade: novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 41-52.

ROBERTS, Marion; ELDRIDGE, Adam. Planning the Night-Time City. Londres: Routledge, 2009.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SEIXAS, João; FREITAS, Maria João; GUERRA, Isabel; MOURA, Dulce. A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo. Cidades, Comunidades e Territórios, Lisboa, n. 12-13, jan. 2006.

SMITH, Neil. The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City. Londres: Routledge, 1996.

SOJA, Edward W. Para Além de Postmetropolis. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 137–167, jun. 2013.

SOJA, Edward W. Postmetropolis: A Critical Study of Cities and Regions. Malden: Blackwell Publishers, 2000.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. Tese (Livre-Docência em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 27-37, jan./jun. 1998.

STRAW, Will. Systems of articulation, logics of change: Communities and scenes in popular music. Cultural Studies, v. 5, n. 3, p. 368–388, 1991.

TONUCCI FILHO, João B. M. Dinâmica imobiliária e dispersão metropolitana: notas a partir de transformações socioespaciais recentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 37., 2013, Águas de Lindóia. Anais... Águas de Lindóia: ANPOCS, 2013. p. 1-20.

WHYTE, William H. The Social Life of Small Urban Spaces. Washington: Conservation Foundation, 1980.

ZUKIN, Sharon. The Cultures of Cities. Oxford: Blackwell, 1995.

ZUKIN, Sharon. Naked City: The Death and Life of Authentic Urban Places. Oxford: Oxford University Press, 2010.

APÊNDICE

FICHA DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA DO USO DO ESPAÇO

INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Minas Gerais

GEOGRAFIA
IFMG - Ouro Preto (MG)

Local observado: Rua Sapucaí – Belo Horizonte.

Data:

Dia da semana: ( ) Seg ( ) Ter ( ) Qua ( ) Qui ( ) Sex ( ) Sáb ( ) Dom

Horário: Início: | Término:

1. Fluxo de pessoas

( ) Muito baixo ( ) Baixo ( ) Médio ( ) Alto ( ) Muito alto

2. Forma de uso do espaço

( ) Circulação

( ) Permanência

( ) Lazer

( ) Consumo (bares, ambulantes)

( ) Eventos culturais

( ) Outros: _____

3. Tempo médio de permanência observado

( ) Menos de 10 min

( ) 10–30 min

( ) 30–60 min

( ) Mais de 1h

4. Perfil visível do público (observação não identificável)

( ) Grupos de amigos

( ) Casais

( ) Pessoas sozinhas

( ) Diversidade etária visível

( ) Diversidade racial visível

5. Interações sociais observadas

( ) Conversas

( ) Música

( ) Dança

( ) Consumo coletivo

( ) Uso do espaço público como ponto de encontro

6. Observações gerais